



**IMPLICAÇÕES DA SÍNDROME DE *BURNOUT* NA CRIATIVIDADE DE  
PROFESSORES**

Vanessa Schneider Furtado

Caxias do Sul, 2021

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES  
CURSO DE PSICOLOGIA

**IMPLICAÇÕES DA SÍNDROME DE *BURNOUT* NA CRIATIVIDADE DE  
PROFESSORES**

Trabalho apresentado como requisito parcial para  
Conclusão de Curso de Graduação em Psicologia,  
sob orientação da Profa. Dra. Raquel Furtado  
Conte

Vanessa Schneider Furtado

Caxias do Sul, 2021

## SUMÁRIO

	Página
INTRODUÇÃO .....	7
OBJETIVOS .....	9
Objetivo Geral .....	9
Objetivos Específicos .....	9
REVISÃO DA LITERATURA .....	10
Professores do ensino fundamental da rede pública .....	10
Criatividade .....	13
Síndrome de <i>Burnout</i> .....	16
MÉTODO .....	19
Delineamento .....	19
Fontes .....	19
Instrumentos .....	19
Procedimentos .....	25
Referencial de Análise .....	25
RESULTADOS .....	27
SÍNTESE INTEGRADORA.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	38
REFERÊNCIAS.....	40

## ANEXOS

ANEXO A. Artigo 1.....	45
ANEXO B. Artigo 2.....	45
ANEXO C. Artigo 3.....	47
ANEXO D. Artigo 4.....	49
ANEXO E. Artigo 5.....	49
ANEXO F. Artigo 6.....	51
ANEXO G. Artigo 7.....	52

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1. Ficha de leitura dos artigos utilizados.....	20
--	----

## RESUMO

Devido ao crescente aumento de adoecimento da classe de docentes, este trabalho apresenta considerações e reflexões importantes referentes a este fenômeno, o qual já é considerado um problema social e de saúde pública e que vem aumentando a sua proporção. Dentre os aspectos de adoecimento de professores, destaca-se a Síndrome de *Burnout*, um dos conceitos mais utilizados atualmente quando se fala em estresse e adoecimento no trabalho, a qual caracteriza-se por um excessivo gaste de energia de recursos internos e possui como consequência a exaustão emocional intensa, baixa realização profissional e despersonalização. Percebe-se que este estado de adoecimento influencia na capacidade criativa dos professores, porém os mesmos permanecem sendo cobrados constantemente para serem criativos em sala de aula. Relacionado a isso, o objetivo geral deste trabalho foi de refletir acerca da criatividade em professores do ensino fundamental que apresentam Síndrome de *Burnout*, sendo abordados os seguintes temas: professores do ensino fundamental da rede pública, criatividade e Síndrome de *Burnout*. A abordagem utilizada para a realização desta pesquisa bibliográfica tem como delineamento o caráter descritivo, qualitativo e exploratório. As fontes utilizadas foram artigos das bases de dados *Scielo* e *CAPES*, do período de 2009 até 2019 e os descritores foram professores e Síndrome de *Burnout* e professores e criatividade. Os critérios de inclusão da coleta de dados foram artigos em português que tratam de professores de ensino fundamental da rede pública e os critérios de exclusão foram artigos que tratam de professores do ensino superior, cursos de especialização, ensino especial, educação à distância, disciplinas específicas e aqueles referentes apenas à rede particular de ensino, bem como estudos de caso e aqueles relacionados à Síndrome de *Burnout* em outros profissionais que não sejam da área escolar. A partir dos dados encontrados, foi realizada a leitura seletiva, analítica e interpretativa dos dados e os materiais foram agrupados e ordenados em fichas de leitura, instrumento escolhido para ser utilizado nesta pesquisa. Posteriormente, foi realizada uma síntese integradora a partir dos dados encontrados, a qual ofereceu um panorama da compreensão dos temas, buscando responder ao problema da pesquisa. A partir disso, foi possível perceber que é cada vez mais importante oferecer suporte aos professores, estimulando a criação de políticas públicas para proporcionar melhores condições de trabalho e maior reconhecimento destes profissionais. Além disso, foram encontradas poucas produções referentes ao tema criatividade em professores, sugerindo-se assim, mais estudos relacionados a esse tema.

**Palavras-chave:** Professores; Síndrome de *Burnout*; Criatividade; Psicanálise.

## INTRODUÇÃO

O tema escolhido para a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso se deu por aspectos pessoais, relacionados à minha trajetória de vida e experiências vivenciadas. O meu caminho na área da Educação iniciou bem cedo e desde lá passei a pensar sobre as relações dentro do contexto escolar, principalmente no que diz respeito ao trabalho desenvolvido pelos docentes e as pessoas envolvidas com a gestão escolar. Além disso, o encontro com a Psicologia me aproximou ainda mais deste espaço através de uma experiência de estágio em uma escola municipal, local onde pude ter contato com a prática psicológica propriamente dita a partir das observações e intervenções realizadas. Sabemos das inúmeras demandas presentes e o quanto o trabalho docente é um tanto desafiador, por muitas vezes estressante e causador de desgaste físico e mental. Mas o que pode estar relacionado a isso? O que está por trás? Então, junto a estes questionamentos e a partir de trocas significativas na disciplina de Trabalho de Conclusão I, orientada pela professora Dra. Raquel Furtado Conte, levantou-se a hipótese de relacionar a Síndrome de *Burnout* como um ponto importante no desempenho da docência, a criatividade. A professora Raquel, enquanto docente, pôde trazer o assunto a partir do seu conhecimento e da sua própria experiência, o que me auxiliou a integrar a minha ideia inicial sobre este conteúdo.

O tema abordado neste trabalho é trazido em diversos estudos com grande valor para o conhecimento e desenvolvimento acerca da Educação e suas organizações. O adoecimento de professores já é configurado como um problema social e de saúde pública e vem aumentando sua proporção, contudo, ainda carece de pesquisas relacionadas. Segundo Nascimento e Seixas (2020), uma das profissões que demandam grande atenção referente à saúde mental é a docência, mais especificamente os profissionais que atuam na Educação Básica brasileira. Ainda, entende-se que os professores são peça fundamental no processo de educação e por este motivo as investigações sobre seu bem-estar, especialmente em relação à saúde mental, são fundamentais (Jacomini & Penna, 2016).

Pertinente a isso, quando falamos em saúde mental, podemos mencionar a Síndrome de *Burnout*, uma doença que tem se mostrado significativa tendo como principal causa o estresse prolongado (Reinhold em Ferreira, Santos & Rigolon, 2014). Segundo a Organização Pan-Americana de Saúde (2019), a síndrome foi classificada pela Organização Mundial da Saúde como um fenômeno ocupacional, sendo incluído a partir disso na 11ª Revisão de Classificação Internacional de Doenças (CID-11). Ainda relevante, em 2020, o projeto do Governo Federal Fundacentro, colaborador da Organização Mundial da Saúde e

da Organização Internacional do Trabalho, trouxe o resultado de uma pesquisa na qual a maior incidência de afastamentos de professores está relacionada aos transtornos mentais e comportamentais, incluindo a Síndrome de *Burnout*, tendo como um dos fatores de risco e causador deste problema, o próprio estresse.

Segundo Grillo e Navarro (2020), a infância e suas diversas experimentações, pode ser atravessada pelo encontro de diferentes singularidades, associando-se à criação e a invenção, trocas e gestos. Desta forma, a relação entre família e escola apresenta-se como um arranjo fundamental para a composição de espaços de potência, amparo e sustentação para que as crianças possam sentirem-se seguras em suas composições singulares. A possibilidade de convivências, experimentações e brincadeiras, permitem à criança a significação e elaboração de seu lugar no mundo diante das relações que estabelece com as demais crianças, e com aqueles que ofertam para si referências de cuidado, amparo e afeto. Desta forma, percebe-se o papel do professor como uma importante fonte de estímulo aos alunos, tendo como desafio criar ações concretas que incentivem-os a buscar e a realizar, motivando-o a envolver-se ativamente nas tarefas relacionadas ao processo de aprendizagem (Oliveira & Alves, 2005).

Sabe-se que os professores são frequentemente cobrados para serem criativos em sala de aula, porém, quando estão adoecidos, se encontram sem capacidade para isso. Pensando na criatividade atrelada ao processo de Educação, Robinson (em Wunsch, Cruz, Blaszkowski & Cuch, 2007), nos traz que “a criatividade é tão importante na educação como alfabetização e devemos tratá-la com o mesmo status.” (p. 13145) Ainda, podemos citar Woods (em Wunsch et al., 2007), também mencionado pelos autores, afirmando que uma vez que “um ato criativo leva a resultados, não a bloqueios e conseqüentemente algo é transformado. Cria um produto, neste caso a aprendizagem dos alunos”. (p. 13145) Sendo assim, concluem que, à medida que se desenvolve a criatividade, também se apoia a transformação da realidade que ali está presente.

Atualmente, já existem estudos abordando as temáticas apresentadas e a partir disso, este trabalho pretende discutir as possíveis implicações da Síndrome de *Burnout* na criatividade de professores do ensino fundamental da rede pública, ou seja, de que forma a criatividade é afetada quando existe uma demasiada exaustão mental neste grupo de trabalhadores.



## OBJETIVOS

### **Objetivo Geral**

Identificar possíveis implicações da Síndrome de Burnout na criatividade de professores.

### **Objetivos Específicos**

1. Contextualizar professores do ensino fundamental da rede pública;
2. Caracterizar a criatividade a partir da psicanálise;
3. Conceituar a Síndrome de *Burnout*.

## REVISÃO DA LITERATURA

### **Professores do ensino fundamental da rede pública**

Desde a sua origem, a escola constitui-se como um espaço de disciplina, sendo construída a partir das transformações que atravessam a instituição. A partir disso, emergiu um conjunto de procedimentos e técnicas para controlar, corrigir, disciplinar e medir os indivíduos, tornando os corpos mais dóceis e úteis, dando origem à profissão do professor (Costa em Carlotto, 2002).

A escola pública segue o modelo do próprio serviço público, o qual se desenvolve de forma vertical e na hierarquia de linha, o que significa que a autonomia e o poder para se tomar decisões na escola é demasiadamente fragmentada e o trabalho dos professores envolve fatores altamente estressores como baixos salários, falta de recursos e materiais didáticos, classes superlotadas, relação sob tensão com alunos, excesso de carga horária, participação nas políticas e no planejamento institucional com pouco interesse e falta de segurança no contexto escolar (Soratto & Oliver-Heckler em Lopes & Pontes, 2009).

Com o passar dos anos, o trabalho docente vem sendo modificado pelas transformações das organizações, o que provocou o aumento de responsabilidades e exigências sobre os educadores. Essas mudanças no papel dos professores estão ligadas a três fatores: a evolução e a transformação dos agentes tradicionais de socialização (família, ambiente cotidiano e grupos sociais organizados), o papel tradicionalmente designado às instituições escolares, com respeito à transmissão de conhecimentos e o conflito que se instaura nas instituições quando se pretende definir qual é a função do professor, que valores, dentre os vigentes em nossa sociedade, o professor deve transmitir e quais deve questionar (Merazzi em Carlotto, 2002).

Conforme o Plano Nacional de Educação (PNE) e seus Planos Subnacionais, previstos na Lei nº 13.005/2014 (Brasil, 2014) e de acordo com Lei Estadual nº 6.672, de 22 de abril de 1974 (atualizada até a Lei nº 13.424, de 5 de abril de 2010), o Artigo 12 determina que os cargos de carreira do Magistério serão providos mediante nomeação, promoção, transferência, reintegração, reversão e aproveitamento. Segundo informações atualizadas no *site* do Ministério da Educação (2021), para poder lecionar no Ensino Fundamental e Médio, os requisitos mínimos são as modalidades de licenciatura e Pedagogia. Já na Educação Infantil, tanto em creches quanto em pré-escolas e nos quatro primeiros anos do Ensino Fundamental, a exigência é que os professores tenham formação mínima de nível médio, na modalidade normal (Magistério).

Uma pesquisa do Censo Escolar realizada em 2019 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2019) mostrou que o percentual de docentes com nível superior vem crescendo. Nos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano), concentram-se 751.994 docentes, os quais 80,1% são graduados com licenciatura (602.375), outros 4,1% concluíram o ensino superior (bacharelado) e 10,6% têm o magistério em nível médio. Ainda, a pesquisa também identificou 5,2% de professores dos anos iniciais, com nível médio ou inferior. A pesquisa mais recente revela que 9 a cada 10 professores (690.419) que trabalham com os anos finais do fundamental possuem nível superior completo: 86,6% (654.419) têm licenciatura e 4,8% (36.082) têm bacharelado. Além disso, no ano de 2020, foi constatado também pelo Censo Escolar 2019 (INEP, 2019) que cada professor do Ensino Fundamental leciona para, em média, 23 alunos por turma, contabilizando zona rural e urbana.

Referente ao salário dos professores, a Lei 11.738/08 instituiu o piso salarial profissional nacional para o magistério, sendo a única categoria profissional a ter um piso estabelecido por lei. O valor mínimo estabelecido em 2009 foi de R\$950,00 (novecentos e cinquenta reais). Recentemente, ano de 2020, os profissionais da rede pública da educação básica em início de carreira passaram a receber de R\$2.557,74 (dois mil quinhentos e cinquenta e sete reais e setenta e quatro centavos) para R\$2.886,24 (dois mil oitocentos e oitenta e seis reais e vinte e quatro centavos), com o reajuste de 12,84% em 2020, trabalhando em média 40 horas semanais. Atualmente, as carreiras dos profissionais da Educação Básica são regidas pelos estatutos e planos de carreira dos estados e municípios, porém o Congresso Nacional está buscando fixar diretrizes a nível nacional.

Considerando o cenário atual, é de fácil percepção as múltiplas exigências vivenciadas pelos profissionais da educação, visto que a docência é considerada como uma das profissões mais estressantes, com forte incidência de elementos que conduzem à Síndrome de *Burnout* (Carlotto, 2002). Assim, tendo em mente que existe uma nova configuração quando nos referimos ao modelo de Educação atual, influenciado diretamente pelo corte de gastos, recursos e a situação de vulnerabilidade social, requer-se dos professores ainda maior responsabilidade, autonomia e capacidade de resolver os problemas encontrados, bem como refletir sobre a sua realidade e trabalhar de forma coletiva e cooperativa. Além disso, estes profissionais também possuem como dever estimular o potencial de aprendizagem dos alunos, ensiná-los a conviver em sociedade, cobrir as lacunas da instituição escolar, garantir a articulação entre escola e comunidade, e buscar, por conta própria, sua requalificação profissional (Assunção & Oliveira, 2009; Tostes, Albuquerque, Silva, Souza & Petterle, 2018).

A Constituição Federal de 1988, regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9.394/96 (Brasil, 1996) ampliou o ano letivo de 180 dias para 200 dias letivos, ou 800 horas anuais no ensino fundamental. Além disso, a lei estende o trabalho sobre as competências exigidas dos docentes as quais não se restringem somente à sala de aula, mas as relações com a comunidade, a gestão da escola, o planejamento do projeto pedagógico, a participação nos conselhos, entre outras tarefas, o que mostra o quanto os professores são demasiadamente exigidos na sua função. Segundo Boing e Lüdke (em Assunção & Oliveira, 2009) “as críticas externas ao sistema educacional cobram dos professores cada vez mais trabalho, como se a educação, sozinha, tivesse que resolver todos os problemas sociais.” (p. 354) Ainda, existe uma pressão exercida pelas novas tecnologias sobre os docentes, exigindo deles constantes atualizações e adaptações, muitas vezes sem a existência de preparo prévio e até mesmo sem a disponibilização de recursos pela instituição onde trabalham (Meleiro em Souza, 2018).

Desta forma, o cenário que percebemos é que a valorização dos professores diminui, porém, as demandas e exigências diante deles só aumentam, o que acaba resultando em desmotivação e sobrecarga destes profissionais. Segundo a Organização Internacional do Trabalho, a categoria docente é uma das que apresenta um grande número de doenças ocupacionais e índices de adoecimento nas últimas décadas, sendo o sofrimento mental uma das formas mais prevalentes deste adoecimento, o qual está ligado às novas condições de trabalho dos professores. Além disso, todos esses fatores atravessados pelos professores do ensino básico no Brasil fazem com que a docência seja considerada uma das profissões mais estressantes. Isso simboliza os indícios de incompatibilidade entre os limites pessoais do professor e a demanda do sistema educacional. Porém, a consequência, muitas vezes além do adoecimento, se dá por meio da baixa produtividade, o absenteísmo, o afastamento de função, a ocorrência de acidentes de trabalho e, até mesmo, o abandono da profissão (Tostes et al., 2018).

Considerando o contexto em que vive o professor, podemos pensar no duplo sentido que a docência traz, sendo fonte de prazer a partir da realização pessoal e por outro, o sofrimento diante do contexto e das condições de trabalho, causando adoecimento e prejuízos na saúde (Tostes et al, 2018). Ainda, entende-se a importância de abordarmos neste trabalho as contribuições de Paulo Freire (em Rosas, 2016) para melhor entendimento do processo criativo em sala de aula e a sua relação com a prática pedagógica. Segundo Rosas (2016), Paulo Freire, em *Pedagogia do Oprimido* (1987), afirma que a criatividade se insere a medida que, a partir da diversidade de sujeitos, a ação criativa e o diálogo vão se constituindo em uma espécie de *situação-problema*, contendo desafios mediados por

*inéditos viáveis*, em um movimento dialético de ação-reflexão-nova do ser humano, o qual passa a reconhecer-se como sujeito de criação. Além disso, nesta obra, o autor apresenta elementos que evidenciam a criatividade como inerente ao ser humano, a condição humana de solucionar desafios captados da realidade, os quais exigem tomada de decisão quanto à maneira humana de estar e atuar criativamente. Assim, criatividade e ação criativa atendem por certo projeto político de sociedade fundamentado na dialeticidade contraditória e superadora das práticas opressoras, o que nos leva a refletir sobre a ação criativa libertadora, também mencionada por Paulo Freire (em Rosas, 2016), fundamentada na ideia de educação como uma prática de liberdade.

### **Criatividade**

Os estudos sobre a criatividade iniciaram por volta de 1950, porém no Brasil até 1960 não se falava muito sobre o tema. Dentre as áreas que se interessaram por aprofundar o conhecimento a respeito, podemos destacar a Filosofia e a Psicologia, sendo que a segunda iniciou seus estudos sobre a criatividade na segunda metade do século XX, contudo nunca se chegou a uma única definição (Santos, 1995; Seabra, 2008).

A partir do conceito no dicionário Aurélio (Holanda, 2010), a criatividade pode ser definida para além da capacidade criadora, caracterizando-se por um fenômeno psicológico que ainda não é conhecido por completo. Para Money (em Seabra, 2008), todos temos uma concepção implícita de criatividade que faz referência a uma ou várias facetas, considerando o contexto no qual surge e se observa a criatividade e os elementos que constituem a situação, os quais podem facilitar ou inibir a expressão criativa. As características psicológicas que tornam uma pessoa criativa são influenciadas por fatores intelectuais, de personalidade, motivação e a variabilidade do uso do pensamento criativo.

Torrance (em Santos, 1995) analisa o tema da criatividade a partir da área da Educação considerando que os indivíduos terão um funcionamento intelectual pleno à medida em que as capacidades envolvidas no pensamento criador forem desenvolvidas e utilizadas. Andreazzi, Jacarini e Prigenzi (1994) também se interessaram no tema da criatividade e da conduta participativa em sala de aula e verificaram que as diversidades de estratégias de ensino propiciam um padrão de interações favoráveis à aprendizagem.

Segundo Oliveira (em Alves & Castro, 2015) “é a partir da descoberta do funcionamento da mente e de sua natureza inconsciente que a psicanálise vai mostrar que a constituição psíquica abrange tanto o gérmen do sofrimento psíquico quanto o da

criatividade.” (p. 6) Sendo assim, este trabalho terá como foco a linha de pensamento a psicanálise, partindo de um entendimento principal da criatividade a partir deste viés teórico.

À medida em que a Psicanálise foi se desenvolvendo, foram realizadas diversas tentativas para compreender as origens da sensibilidade e da criatividade artística. Freud (em Brandão, 2018) a partir da interpretação psicológica das obras de arte, em seu trabalho *Escritores Criativos e Devaneio*, nos mostra que a mesma é produto da fantasia inconsciente e das ilusões na distensão do vínculo com a realidade, na qual o sujeito criativo faz o mesmo que uma criança que brinca, cria um mundo de fantasias que ele leva muito a sério e investe uma grande quantidade de emoções, mas mantém uma separação nítida com a realidade. Ainda nesta obra, é abordado o ato criativo como uma forte experiência presente que desperta uma lembrança anterior, comumente originada da infância. A partir daí, surge um desejo que pode encontrar sua realização por meio da obra criativa e assim, ocorre uma adaptação do psiquismo à necessidade de trocar o princípio do prazer pelo de realidade, uma vez que, a partir de um prazer experimentado pelo sujeito anteriormente, quando perde, tenta encontrar formas de recuperá-lo.

Em outra obra de Freud *O mal-estar na civilização* (em Brandão, 2018), o autor aborda o conceito de sublimação, uma técnica existente no nosso aparelho mental que consiste em afastar o sofrimento a partir do deslocamento de libido. Nesse sentido, compreende o quanto os sujeitos criam formas de diminuir sua dependência do mundo externo, buscando satisfação em processos psíquicos internos (Brandão, 2018).

A partir de outra vertente, Winnicott (1975) apresenta em suas contribuições que “é através da percepção criativa, mais do que qualquer outra coisa, que o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida” (p. 109). Além disso, entende que existe um relacionamento de submissão com a realidade externa, a qual traz consigo um sentido de inutilidade associada à ideia de que nada importa e de que não vale a pena viver, considerando que “viver de maneira criativa ou viver de maneira não criativa constituem alternativas que podem ser nitidamente contrastadas” (Winnicott, 1975, p. 109).

Winnicott (1975) faz relação com o estar vivo, considerando que o processo criativo se refere ao aspecto saudável, exceto quando o indivíduo vive de forma doentia ou foi prejudicado por fatores ambientais que sufocam sua capacidade criativa. Dessa forma, quando falamos em processo criativo, falamos sobre o impulso criativo que pode ser considerado como “uma coisa em si, algo naturalmente necessário a um artista na produção de uma obra de arte, mas também algo que se faz presente quando qualquer pessoa se inclina de maneira saudável para algo ou realiza deliberadamente alguma coisa” (Winnicott, 1975, p. 114).

Segundo Winnicott (em Martins, 2015), a criatividade humana se apresenta considerando a função da capacidade da criança em organizar o seu próprio espaço interno a partir do seio e do objeto transicional, ambos formados na ausência do objeto e com o objetivo de restaurar, em fantasia, a fusão perdida com a mãe. A fase inicial do desenvolvimento torna-se possível a partir da capacidade da mãe para fazer a adaptação das necessidades do seu bebê, permitindo assim a ilusão de que o que ele cria, existe. A mãe, mencionada por ele como suficientemente boa, no início permite ao bebê a ilusão de que o seu seio é parte dele, ou seja, como se o bebê tivesse o controle mágico do seio. Posteriormente, a tarefa da mãe é permitir uma desilusão gradual do bebê, mas na qual só terá sucesso se tiver dado ao bebê a possibilidade suficiente para a ilusão. A partir disso, aborda o conceito de área transicional, que é a área permitida ao bebê entre a criatividade primária e a percepção objetiva, baseada no teste da realidade. Na infância, esta área transicional é necessária para a iniciação da relação entre a criança e o mundo, e torna-se possível através de uma maternagem suficientemente boa numa fase crítica inicial” (Martins, 2015, p. 11).

Para Winnicott (1975), há um vínculo entre o viver criativo e o viver propriamente dito, no qual as disposições ambientais são inteiramente incluídas na capacidade de criar. Segundo o autor, as ações criativas, tal como aparecem no brincar, por exemplo, “vinculam o passado, o presente e o futuro.” (Winnicott, 1975, p. 151) Elas permitem experiências que colaboram com o sentimento de continuidade da existência. E é esta continuidade o que, finalmente, possibilita o sentimento de que “a vida é digna de ser vivida” (Winnicott, 1975, p. 95). O indivíduo que tiver a experiência de continuidade do sentimento de existência pode experimentar a não-integração inicial num movimento criativo. Se, ao contrário, o sujeito não tiver essa experiência, devido à ameaça de invasão ou ao abandono, poderá ocorrer, como defesa, uma experiência de fechamento sobre si, o qual é defensivo e não originário (Maciel, 2008).

A criatividade está presente nas diversas atividades do nosso cotidiano e manifesta-se por meio do brincar, nas artes, religião, atividades culturais em geral, a forma como nos vestimos, nosso estilo de vida, a maneira como falamos, no que cozinhamos e em quase todas as decisões que tomamos. Estamos constantemente em estado de transformação, uma vez que a criatividade pode ser considerada como uma força vital poderosa, incutindo significado à vida (Gamez em Seabra, 2008; Winnicot, 1975).

## **Síndrome de *Burnout***

O mundo do trabalho tem uma grande importância na vida dos sujeitos e ocupa boa parte dos seus dias, considerando o fato de que atividade laboral pode ser considerada uma fonte de prazer, mas também de sofrimento, podendo causar estresse e levar ao adoecimento e esgotamento físico e mental. Com base nisso, pesquisadores iniciaram estudos relacionados à exposição prolongada de fatores estressantes nas mais diversas atividades laborais, revelando que o desequilíbrio na saúde do profissional traz consequências na qualidade dos serviços prestados pelos trabalhadores e o nível de produção que conseguem atingir, revelando a existência do que depois foi chamado de Síndrome de *Burnout* (Pereira, 2010).

Hoje, o conceito de *burnout* é considerado um dos conceitos mais importantes relacionados ao estresse laboral. A primeira publicação sobre a Síndrome de *Burnout* no Brasil ocorreu em 1987, na Revista Brasileira de Medicina, pelo médico cardiologista Hudson Hubner (Mendanha, Bernardes & Shiozawa, 2018). Porém, já em 1974, o psicólogo germano-americano Herbert Freudenberger, propagou na comunidade científica e organizacional a denominação *Síndrome de Burnout*, a qual foi caracterizada por ele como um *incêndio interno*, causado pelo excessivo desgaste de energia e recursos, afetando negativamente a relação subjetiva dos indivíduos com o trabalho, incluindo sintomas de fadiga, tristeza acentuada, irritabilidade, aborrecimento, perda de motivação, sobrecarga de trabalho, rigidez e inflexibilidade (Mendanha et al., 2018). O termo *burnout* provém da língua inglesa (*to burn*: arder, queimar; *out*: até o fim), que significa “queimar até a chama desvanecer” (Mendanha et al., 2018, p. 9), dando a ideia de um “fogo que vai se apagando aos poucos, até definitivamente cessar” (Mendanha et al., 2018, p. 9), como algo que vai deixando de funcionar até à exaustão total. Desta forma, a síndrome se desenvolve quando existe a exposição significativa e prolongada a situações de alta demanda emocional no ambiente de trabalho.

Seguindo a pesquisa sobre a síndrome, a psicóloga americana Christina Maslach iniciou seus estudos divergindo da abordagem clínica de *Freudenberger* e adotando uma perspectiva psicossocial. Nessa perspectiva, a Síndrome de *Burnout* é vista como um processo em que a percepção do contexto, das condições de trabalho e das relações interpessoais também influenciam no adoecimento, não somente as características individuais (Pereira, 2010). Além disso, é importante destacar que a Síndrome de *Burnout* não se desenvolve de forma abrupta, ela inicia com pequenos sinais e quando estes não são percebidos, podem levar o sujeito a apresentar uma sensação de quase terror diante da ideia



de precisar ir ao trabalho (Lipp, 2014). “Seu surgimento é paulatino, cumulativo, [...] com incremento progressivo em severidade, não sendo percebido pelo indivíduo, que geralmente se recusa a acreditar estar acontecendo algo de errado com ele” (Mazon, Carlotto & Câmara, 2008, p. 58).

Atualmente, a definição mais aceita se enquadra na teoria proposta por Maslach et al. (em Pereira, 2010)

a síndrome de *burnout* é um fenômeno psicossocial que ocorre como resposta crônica aos estressores interpessoais advindos da situação laboral, uma vez que o ambiente de trabalho e sua organização podem ser responsáveis pelo sofrimento e desgaste que acometem os trabalhadores. (p 10)

De acordo com o Ministério da Saúde (2001), a Síndrome de *Burnout*, conhecida também como Síndrome do Esgotamento Profissional, caracteriza-se por um tipo de resposta prolongada a estressores emocionais e interpessoais crônicos no ambiente de trabalho, incluindo a relação de doenças ocupacionais e classificando-a como um transtorno mental e do comportamento relacionado ao trabalho, por meio do CID, código Z73.0 (Ministério da Saúde, 2001). A Síndrome de *Burnout* também está inclusa no Anexo II (Agentes Patogênicos Causadores de Doenças Profissionais ou do Trabalho) do Decreto nº 3048/99 da Previdência Social (Pereira, 2010).

Dentre os sintomas apresentados em indivíduos diagnosticados com a Síndrome de *Burnout*, geralmente estão o cansaço físico e emocional, irritação, tristeza, os quais podem levar a quadros de úlceras, insônia, dores de cabeça e hipertensão. Também pode levar ao uso abusivo de álcool e medicamentos, causando problemas no âmbito individual, social, familiar e profissional. Estes sintomas podem ser considerados de ordem psicológica, psicossomática e comportamental (Carlotto, 2002; Zanatta & Lucca, 2015). Relacionado a isso, Maslach e Jackson (em Limongi-França & Rodrigues, 2005) elaboraram um instrumento de mensuração próprio da Síndrome de *Burnout*, denominado *Maslach Burnout Inventory* (MBI), no Brasil conhecido como Inventário da Síndrome de *Burnout* (ISB). Após a análise fatorial, enquadraram o *burnout* num construto formado por três dimensões ou subescalas: exaustão emocional, despersonalização e diminuição da realização pessoal.

Segundo Limongi-França e Rodrigues (2005) na exaustão emocional o profissional sente-se esgotado, com pouca energia para realizar as atividades e a com a impressão de que não conseguirá recuperar ou reabastecer a energia, uma vez que estes sujeitos tornam-se pouco tolerantes, irritados, aparentemente insensíveis e muitas vezes apresentando um comportamento rígido, adotando rotinas inflexíveis, como uma forma de manter-se *imparcial*. As relações com o trabalho e com a vida são vividas como insatisfatórias e

pessimistas, o que traz prejuízos importantes na área profissional, social e familiar. Quanto à despersonalização, a mesma pode ser caracterizada pelo distanciamento emocional expresso por meio de uma postura de frieza, indiferença diante das necessidades dos outros. O profissional perde a capacidade de identificação e empatia com quem está à sua volta. Tende a ver cada questão relacionada ao trabalho como um transtorno, como mais um problema a ser resolvido, pois que o incomoda e perturba. Por último, a redução da realização pessoal e profissional ficam intensamente comprometidas e os sentimentos de decepção e frustração passam a fazer parte do cotidiano do trabalhador. Como consequência, surge a queda da autoestima que pode levar à depressão (Limongi-França & Rodrigues, 2005).

É importante destacar que a Síndrome de *Burnout* pode afetar diferentes profissionais e de qualquer faixa etária. Algumas atividades profissionais são mais propensas ao seu desenvolvimento, como a área de assistencialismo, professores e profissionais da saúde (Roncato, 2007).

## MÉTODO

### **Delineamento**

A abordagem utilizada para esta pesquisa bibliográfica é de caráter descritivo e qualitativo.

Segundo Flick (2013) a pesquisa qualitativa pode ter como objetivo oferecer uma descrição, avaliação ou desenvolvimento de uma teoria, sendo este um dos objetivos principais e norteadores deste estudo. Para Gil (2010), o caráter descritivo em uma pesquisa pode proporcionar uma nova visão do problema. Além disso, essa pesquisa também é de caráter exploratório, tendo como objetivo aprimorar ideias e tornar o problema de pesquisa mais explícito, proporcionando familiaridade com o tema, possibilitando a consideração dos mais variados aspectos relativos ao tema estudado (Gil, 2010).

### **Fontes**

Como fontes, foram pesquisados artigos do período de 2009 até 2019 com os descritores “professores x Síndrome de *Burnout*” e “criatividade x professores” do banco de dados *Scielo* e CAPES. Os critérios de inclusão desta coleta foram artigos em português que tratam de professores de ensino fundamental da rede pública de ensino. Já os critérios de exclusão foram artigos que tratam de professores do ensino superior, cursos de especialização, ensino especial, educação à distância, disciplinas específicas e aqueles referentes apenas à rede particular de ensino. Ademais, não foram incluídos artigos de estudos de caso e aqueles relacionados à Síndrome de *Burnout* em outros profissionais que não sejam da área escolar. Além dos artigos, para a realização da síntese integradora foram incluídas as obras de autores clássicos, utilizadas na revisão de literatura.

### **Instrumentos**

Foram confeccionadas fichas de leitura após a coleta de materiais no banco de dados *Scielo* e CAPES. Segundo Gil (2010), este processo é fundamental nesta etapa da pesquisa e possui como objetivo a identificação das obras consultadas, registro do conteúdo, comentários acerca das obras e a ordenação destes registros.

Tabela 1.

*Fichas de leitura dos artigos utilizados*

Num	Título do Artigo	Autor(es)/Ano	Resumo	Banco de Dados	Descritores
1	<i>Burnout</i> e depressão em professores do ensino fundamental: um estudo correlacional	Silva, Bolsoni-Silva & Loureiro (2018)	O artigo buscou verificar a prevalência da Síndrome de <i>Burnout</i> e depressão em professores do ensino fundamental e investigar possíveis correlações entre <i>burnout</i> , depressão, variáveis sociodemográficas e organizacionais.	Scielo	Professores e Síndrome de <i>Burnout</i>
2	Avaliação comparativa dos sintomas da Síndrome de <i>Burnout</i> em professores de escolas públicas e privadas	Esteves-Ferreira, Santos & Rigolon (2014)	Este artigo teve como objetivo avaliar a presença dos sintomas dessa síndrome entre profissionais do ensino público e privado no município de Viçosa/MG, de modo a identificar o grupo que estaria mais predisposto a desenvolvê-la. Os docentes de instituições públicas apresentam características que os tornam mais propensos a manifestar a síndrome, quando comparados aos	Scielo	Professores e Síndrome de <i>Burnout</i>

- profissionais que atuam no ensino privado.
- 3 Síndrome de *Burnout* em professores: prevalência e fatores associados Carlotto (2011) O objetivo do estudo foi identificar a prevalência da Síndrome de *Burnout* em 882 professores de escolas da região metropolitana de Porto Alegre-RS. Os resultados obtidos evidenciam 5,6% de professores com alto nível de exaustão emocional, 0,7% em despersonalização e 28,9% com baixa realização profissional. Mulheres, sem companheiro fixo, sem filhos, com idade mais elevada, que possuem maior carga horária, que atendem maior número de alunos e trabalham em escolas públicas apresentam maior risco de desenvolvimento de *burnout*. Scielo Professores e Síndrome de *Burnout*
- 4 Síndrome de *Burnout* em professores da rede pública Levy, Nunes Sobrinho & Souza (2009) Este artigo buscou avaliar o nível da Síndrome de *Burnout* em 119 professores da rede pública do ensino fundamental do Rio de Scielo Professores e Síndrome de *Burnout*

- Janeiro. Os resultados indicaram que 70,13% dos participantes apresentavam sintomas de *burnout*, sendo que 85% se sentiam ameaçados em sala de aula.
- 5      Prevalência      Batista,  
da Síndrome      Carlotto,  
de *Burnout* e      Coutinho &  
fatores      Augusto  
sociodemo-      (2010)  
gráficos e  
laborais em  
professores  
de escolas  
municipais da  
cidade de  
João  
Pessoa/PB
- Esse estudo teve como Scielo      Professores  
objetivo avaliar a      e Síndrome  
prevalência da      de *Burnout*  
Síndrome de Burnout  
nos professores da  
primeira fase do Ensino  
Fundamental das  
escolas municipais da  
cidade de João Pessoa,  
PB, e sua relação com as  
variáveis  
sociodemográficas e  
laborais. Os resultados  
evidenciaram que  
33,6% dos professores  
apresentaram alto nível  
de exaustão emocional,  
8,3% alto nível de  
despersonalização e  
43,4% baixo nível de  
realização profissional.  
Os resultados indicam a  
importância do  
entendimento e o  
reconhecimento dessa  
doença ocupacional

			para a inclusão do professor nas medidas de políticas públicas voltadas para a saúde e bem-estar da categoria.		
6	Criatividade no ensino fundamental: fatores inibidores e facilitadores segundo gestores educacionais	Alencar, Fleith, Boruchovitch & Borges (2015)	Este estudo investigou a percepção de gestores de instituições de ensino fundamental sobre fatores que dificultam o professor promover o desenvolvimento da criatividade e procedimentos que poderiam utilizar para apoiar o professor na promoção da criatividade em sala de aula. Participaram 118 gestores de escolas públicas e particulares. Orientação, apoio e incentivo ao docente foram os procedimentos mais apontados pelos gestores para auxiliar professores a desenvolverem a criatividade.	CAPES	Criatividade e Professores
7	Criatividade escolar: relação entre tempo de experiência	Castro & Fleith (2008)	Este estudo investigou a criatividade e as barreiras pessoais à sua expressão entre professores com mais e	CAPES	Criatividade e Professores

docente e tipo  
de escola

menos experiência docente da 4ª série do Ensino Fundamental de escolas públicas e particulares. Examinou-se ainda a percepção do clima de sala de aula para a criatividade entre alunos destes professores.

Participaram desta pesquisa 52 professores e 967 alunos. Os resultados indicaram diferenças significativas entre os professores com mais e menos tempo de docência em apenas uma medida de criatividade. Os professores de escolas particulares apresentaram um desempenho superior aos das escolas públicas quanto à criatividade. Quanto às barreiras à criatividade pessoal, não foi identificada diferença significativa entre os professores nos diversos fatores examinados. Os alunos dos professores mais



experientes e os de  
escolas particulares  
avaliaram mais  
positivamente o clima  
de sala de aula para a  
criatividade.

---

### **Procedimentos**

Inicialmente, foi realizada a busca de materiais no banco de dados *Scielo*, no qual foi encontrado um grande número de artigos, porém apenas cinco atenderam aos critérios estabelecidos. Sendo assim, decidiu-se ampliar a busca de dados no banco de periódicos da CAPES, no qual foram encontrados mais dois artigos, complementando-se assim a busca pelos temas. Apesar da grande quantidade de materiais nos bancos de dados utilizados, apenas sete artigos foram selecionados dentro dos critérios de inclusão e exclusão determinados.

Após essa etapa, de acordo com a metodologia de pesquisa bibliográfica proposta por Gil (2010), foi realizada a leitura exploratória dos materiais encontrados e posteriormente, a leitura seletiva, analítica e interpretativa dos mesmos. Em seguida, foi iniciada a tomada de apontamentos, a qual precede a confecção das fichas de leitura. Para esta etapa, primeiramente foi realizada uma tabela dos artigos com as descrições básicas de cada um (nome, autor, resumo, banco de dados e tema abordado), conforme consta na Tabela 1. Após foram confeccionadas as fichas de leitura e a partir disso, a construção lógica do trabalho, que possui como objetivo a organização e descrição das ideias dos artigos elencados e posteriormente a sintetização e integração dos temas de acordo com os objetivos deste trabalho.

### **Referencial de Análise**

A partir do objeto de estudo proposto, que definiu a pesquisa como exploratório-descritiva e após a fragmentação dos dados obtidos na etapa anterior, foi realizada uma síntese integradora que segundo Lima e Miotto (2007) é o produto final do processo de investigação, resultante da análise e reflexão dos materiais encontrados, contemplando as atividades relacionadas à apreensão do problema de pesquisa, investigação, visualização de soluções e síntese, bem como o momento de conexão com o material de estudo, para posterior reflexão e proposição de soluções.

Neste estudo, foram realizadas pesquisas de achados de materiais teóricos e empíricos com professores nos bancos de dados *Scielo* e *CAPES*. A partir disso, foi construída uma tabela com as principais informações dos artigos utilizados e confeccionadas as fichas de leitura contendo o resumo dos artigos e as principais considerações dos autores. Após, foram realizadas análises destes materiais para a compreensão do objeto de estudo proposto, juntamente com o referencial teórico construído para o estudo para então compor uma base suficiente de reflexão, contemplando o objetivo da síntese integradora.

## RESULTADOS

De acordo com a ficha de leitura apresentada nos instrumentos da pesquisa, os artigos nº 1 (Silva, Bolsoni-Silva & Loureiro, 2018), nº 2 (Esteves-Ferreira, Santos e Rigolon, 2014), nº 3 (Carlotto, 2011), nº 4 (Levy, Nunes Sobrinho & Souza, 2009) e nº 5 (Batista, Carlotto, Coutinho & Augusto, 2010), referem-se aos temas relativos aos descritores: “Professores do Ensino Fundamental e Síndrome de *Burnout*” e os artigos nº 6 (Alencar, Fleith, Boruchovitch & Borges, 2015) e nº 7 (Castro & Fleith, 2008), referem-se aos descritores “Criatividade e Professores”. No item anexos, constam as fichas de leitura com as informações mais relevantes e resumos dos artigos.

Quanto ao tema professores do ensino fundamental e Síndrome de *Burnout*, Silva et al. (2018), Levy et al. (2009) e Batista et al. (2010) apresentam estudos realizados com professores de escolas públicas do Brasil, que verificaram a prevalência e o nível da Síndrome de *Burnout* em professores deste nível. Já os autores Esteves-Ferreira et al. (2014) e Carlotto (2011) referem-se a estudo comparativo entre escolas públicas e privadas, apresentando também alto nível de prevalência da Síndrome de *Burnout*, sendo que nestes últimos o indicador trabalho em escola pública aparece como fator importante para o desenvolvimento da Síndrome de *Burnout*. Ainda, Alencar et al. (2015) e Castro e Fleith (2008), apresentam estudos relacionados ao tema professores e criatividade, com a participação de gestores, professores e alunos do ensino público e privado, ambos comparativos. As regiões que contemplaram os estudos de professores e Síndrome de *Burnout* foram São Paulo, Viçosa/MG, Porto Alegre e João Pessoa. Já os estudos relacionados ao tema professores e criatividade, contemplam a região do Distrito Federal.

Quanto aos instrumentos utilizados nestes estudos, Silva et al. (2018), Carlotto (2011), Levy et al. (2009) e Batista et al. (2010), utilizaram o ISB (citado acima) e CBP-R, instrumento autoaplicável que avalia a Síndrome de *Burnout* a partir de fatores antecedentes (clima social positivo, preocupações profissionais, stress de papel e condições organizacionais positivas) e de fatores consequentes (realização pessoal, despersonalização e exaustão emocional). Além disso, os autores Silva et al. (2018), Esteves-Ferreira et al. (2014), Carlotto (2011) e Batista et al. (2010) utilizaram questionários presenciais, tanto gerais e abertos até mesmo específico para este estudo baseado no referencial sobre a Síndrome de *Burnout* em professores. No estudo de Silva et al. (2018) também foi utilizado o Questionário sobre Saúde do(a) Paciente (PHQ-9).

Já os autores Alencar et al. (2015), optaram por realizar um questionário composto por três partes: levantamento de dados biográficos dos respondentes e informações a respeito do

tipo e local da escola em que trabalhavam, um *checklist* com distintos fatores que podem constituir barreiras à promoção da criatividade discente pelo professor, um *checklist* composto por um conjunto de itens sobre possíveis entraves à motivação do aluno para o estudo e aprendizagem e duas questões abertas, uma delas referente ao que fazem os *bons* professores fazerem para motivar os alunos, e a outra relativa ao que fazem os *maus* professores para desmotivar os alunos. Além disso, o Teste Torrance de Pensamento Criativo (TTCT), foi utilizado no estudo de Castro e Fleith (2008) o qual é composto por quatro subtestes com o intuito de avaliar a criatividade dos professores, sendo eles: Linhas Paralelas e Completando Figuras, ambos de natureza figurativa, Usos Inusuais e Aperfeiçoando o Produto, ambos de natureza verbal. Além disso, também foi utilizado o Inventário para Identificação de Barreiras à Criatividade Pessoal e Escala sobre Clima para a Criatividade em Sala de Aula. As aplicações dos testes aconteceram em dois encontros de forma presencial individual e em grupo na sala dos professores, sala de reuniões da escola e sala de aula, no horário do intervalo ou coordenação, de acordo com a disponibilidade.

Para a análise dos dados encontrados, Silva et al. (2018) realizaram uma análise estatística descritiva para as variáveis contínuas e para as categorias elencadas. Para verificar associações entre elas, foram realizadas análises por meio de testes de correlação de *Pearson*. Da mesma forma, ocorreu no estudo de Carlotto (2011), o qual foi aplicado juntamente com a teste *t de student*. No estudo de Carlotto (2011); Levy et al. (2009), Batista et al. (2010) e Castro e Fleith (2008) foi utilizado o programa SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*), sendo este último a análise de variância univariada (ANOVA). Esteves-Ferreira et al. (2014) optaram por utilizar os métodos de categorização e análise de conteúdo de Bardin. No estudo de Alencar et al. (2015), foram calculadas a frequência e porcentagem em cada item da *checklist* e o qui-quadrado foi utilizado para análise das diferenças entre gestores de instituições públicas e particulares. Para análise das questões abertas, foi utilizada análise de conteúdo, seguindo as orientações de Bardin e foi efetuada a categorização das respostas por meio de classificação das unidades de significação, levantando-se, a seguir, a sua frequência e porcentagem. Após a construção inicial de categorias e levantamento de suas respectivas frequências por um dos membros da equipe de pesquisa, uma segunda análise foi feita pela primeira autora deste artigo.

Quanto às características sociodemográficas, observou-se que o gênero com maior prevalência dos participantes dos estudos é o sexo feminino. Carlotto (2011) apresenta dados importantes sobre esse fator, uma vez que as mulheres apresentam maior exaustão emocional e maior realização no trabalho e os homens apresentam maior despersonalização. Nesse sentido, o autor desse artigo ressalta sobre o quanto a profissão docente ainda é percebida

como uma extensão da função materna e a elevação da exaustão emocional pode ser interpretada também pela questão da emocionalidade vinculada ao papel feminino e dupla jornada de trabalho. Já com relação aos homens, o sentimento de não realização profissional pode estar relacionada às expectativas de sucesso, competição e desenvolvimento. Nos estudos Silva et al. (2018), Esteves-Ferreira et al. (2014) e Batista et al. (2010), a idade que prevalece é superior a 40 anos, diferente do que foi apresentado por Carlotto (2011) na qual a idade média encontrada é de 32,2 anos. Nos estudos de Castro e Fleith (2008), a idade das professoras variou de 18 a 55 anos, tendo média igual a 33,9 anos, considerando que a média de idade das professoras de escolas públicas foi de 38,3 anos sendo superior à das docentes da rede particular, de 30,5 anos. Nos estudos Alencar et al. (2015), a idade dos participantes variou de 27 a 66 anos, enquanto no estudo de Levy et al. (2009) a faixa etária foi inferior a 51 anos.

Relacionado à conjugalidade e filhos, as pesquisas de Silva et al. (2018), Esteves-Ferreira et al. (2014), Carlotto, 2011 e Batista et al. (2010) apresentam que a maioria dos professores entrevistados são casados ou possuem companheiro fixo, considerando que os três últimos apresentam que a maioria dos professores possuem filhos. Importante ressaltar que o estudo de Carlotto (2011) aponta para um perfil de risco constituído por professores jovens, sem relacionamento conjugal estável e filhos, que atuam em escolas públicas, possuem elevada carga horária de trabalho e relacionam-se com um maior número de alunos.

Quanto à formação superior, na pesquisa de Castro e Fleith (2008), 49,1% das professoras concluíram curso de nível superior, 28,3% ainda estavam cursando a graduação, 13,2% realizaram curso de especialização e 7,5% ainda não haviam concluído a pós-graduação lato sensu e apenas uma professora possuía mestrado. Já no estudo de Alencar et al. (2015), 27,1% informaram ter concluído curso superior, 80 (67,8%) ter cursado especialização e cinco professores tinham mestrado. No estudo de Silva et al. (2018) apenas 12% cursaram pós-graduação. Em contrapartida, e com um alto nível, na pesquisa de Batista et al. (2010), 72,5% dos participantes apresentaram curso superior.

Quanto ao número de alunos por sala, Silva et al. (2018) identificaram uma quantidade de até 25 (79%) e 42% dos professores tinham em suas salas alunos com necessidades especiais. No estudo de Carlotto (2011), os docentes possuem contato diariamente uma média de 103,07 alunos, o que é confirmado por Alencar et al. (2015) que apresentam em sua pesquisa um elevado número de alunos em sala de aula (62,7%). Quanto às condições de trabalho (temperatura, ventilação, iluminação, espaço físico e disponibilidade de recursos materiais), apenas o estudo de Silva et al. (2018) apresentam dados, o qual a maioria avaliou como parcialmente satisfatória ou satisfatória (acima de 60%).

Em relação à carga horária, a pesquisa de Silva et al. (2018) e Carlotto (2011) mostraram que 61% dos professores trabalham até ou em média 30 horas semanais. Para Batista et al. (2010), esse número passou para 40 horas semanais ou mais (67,6%) e superior a isso, foi encontrado por Levy et al. (2009) no qual 44% dos docentes cumpriam uma jornada de trabalho superior a 60 horas semanais. Além disso, existem profissionais que trabalham em dois e três turnos, conforme verificado por Esteves-Ferreira et al. (2014), com percentual de 45,09% e 13,72%, respectivamente. Ainda, no estudo de Silva et al. (2018) 39% dos professores trabalhavam em mais de uma escola. Sobre exercer outra atividade remunerada além da docência, Esteves-Ferreira et al. (2014) apresentam um dado de 21,56%, enquanto Batista et al. (2010) constataram que 71,3% dos professores não exercem outra atividade além do magistério e Carlotto (2011) constatou que 60,8% dos professores atuam a maior parte de sua carga horária em escola pública e 39,2% em escola privada.

Sobre o tempo de experiência profissional, na pesquisa de Carlotto (2011) os docentes possuem em média 11,5 anos, próximo a média de 11,6 anos de profissão verificada por Castro e Fleith (2008) que variou entre 1 e 29 anos, sendo que a média das professoras de escola pública foi de 15,3 anos e de escola particular 8,8 anos. Este índice mostrou-se também muito próximo ao que foi encontrado no estudo de Batista et al. (2010) onde 70,2% dos docentes apresentaram mais de 10 anos de tempo de serviço. Para Alencar et al. (2015) o tempo de experiência na função varia entre 1 a 40 anos, enquanto Silva et al. (2018) constataram que 81% dos docentes atuavam no magistério há mais de seis anos.

Sobre o desempenho e entusiasmo dos docentes em relação à sala de aula, Esteves-Ferreira et al. (2014) verificaram que aproximadamente 55% dos entrevistados relatam ter mantido ou até mesmo aumentado seu entusiasmo após anos de dedicação à docência, sendo os valores obtidos nas redes públicas e privadas muito semelhantes. Outros 36% dos docentes, em grande parte da rede pública, afirmaram sentir uma redução do entusiasmo. Fatores como o desinteresse dos alunos, as condições de trabalho inadequadas e o sentimento de desvalorização foram citados como desencadeadores desse processo.

No estudo de Castro e Fleith (2008) os resultados evidenciaram que, professores com mais experiência apresentaram desempenho superior em comparação com os professores com menos tempo de docência. Sobre o tipo de escola, foram encontradas diferenças significativas entre professores, sendo que, aqueles que trabalhavam em escolas particulares apresentaram desempenho superior (14,13%) em comparação com os professores de escolas públicas (10,87%). Quando considerados os alunos dos professores mais e menos experientes, os resultados indicaram que os alunos dos docentes mais experientes mostraram que recebem maior suporte da professora à expressão de ideias e demonstraram uma

percepção mais positiva do clima de sala de aula para o interesse pela aprendizagem. Os autores deste estudo entendem que, professores mais experientes, por possuírem uma maior familiaridade com a instituição em que trabalham e com os alunos de maneira geral, apresentam uma melhor empatia com estes e isto acaba por influenciar positivamente na forma de conduzir as aulas (Castro & Fleith, 2008). Na pesquisa de Batista et al. (2010), constatou-se que 55,8% não sente a profissão menos interessante do que quando começou e 55,5% não pensa em mudar de profissão.

Relacionado ao fator salarial, o estudo de Esteves-Ferreira et al. (2014) apresentou que o mesmo pode ser desencadeador de vários problemas, principalmente nos docentes do ensino público, os quais dedicam-se a uma dupla ou tripla jornada de trabalho para obter uma melhor remuneração e apresentam pouco tempo para descansar e se dedicar à família, sendo mais comuns nesses profissionais os sintomas de estresse, depressão e ansiedade, os quais são característicos da Síndrome de *Burnout*. Além disso, neste estudo 36,62% dos docentes entrevistados já pediram algum tipo de afastamento, sendo esse índice superior a 40% entre os profissionais que atuam na rede pública e apenas 20% dos professores da rede particular. Pelo contrário, Batista et al. (2010) encontraram resultados que mostram que 57,4% dos professores não precisaram se afastar do trabalho por motivo de saúde.

Quanto às dimensões e os impactos psicológicos da Síndrome de *Burnout*, Silva et al. (2018) e Levy et al. (2009) apresentaram em 29% e 70,13% a prevalência de Síndrome de *Burnout*, respectivamente. Relacionado a isso, Batista et al. (2010) apresentam em seu estudo que 33,6% dos professores possuem exaustão emocional, 8,3% com alto nível de despersonalização e 56,6% alto nível de baixa realização pessoal no trabalho, sendo que 64,9% dos acreditam que a profissão está estressando. Também foi constatado por Silva et al. (2018) o distanciamento emocional (40%), exaustão emocional (37%), desumanização (22%) e realização pessoal (11%). Esteves-Ferreira et al. (2014) apresentam que 52% dos professores entrevistados possuem prazer em exercer a profissão e a satisfação profissional estava entre os principais motivos, enquanto 34% dos profissionais, principalmente do ensino público, não se veem recompensados pelos seus esforços, citando como principais fatores a insatisfação profissional, o baixo salário e o desinteresse dos alunos.

Ainda, Carlotto (2011) constatou em seu estudo que a dimensão com percentual mais elevado é a de baixa realização profissional e a de menor percentual é a de despersonalização. Já no estudo de Levy et al. (2009), 70,13% apresentavam sintomas de *Burnout* e dentre eles, 85% sentiam-se ameaçados em sala de aula, apontando fatores que contribuem para o desenvolvimento da Síndrome de *Burnout*, como a violência instalada no ambiente escolar, a jornada de trabalho excessiva, os baixos salários, a idade do professor associada à falta de

experiência profissional e a formação continuada deficitária para o atendimento das demandas educacionais na atualidade. Além disso, outros fatores como a rotina diária do professor, modos de gestão, políticas educacionais, composição e tamanho das turmas, e infraestrutura material das escolas como carregar material didático, permanecer de pé e em posição inadequada por longos períodos e excesso de carga de trabalho também foram mencionados.

Esteves-Ferreira et al. (2014) ressaltam que ao comparar dados deste estudo com alguns já presentes na literatura, os professores da rede pública de ensino se mostraram mais propensos a desenvolver *burnout* que os professores da rede privada, principalmente pela precariedade em termos de salário e condições de trabalho em um contexto com intensa e estressante rotina, o que afeta a qualidade de seu trabalho e o bem-estar mental. Já os profissionais do ensino privado, por atuarem em escolas com melhor infraestrutura, maior disponibilidade de recursos didáticos e que oferecem uma melhor remuneração, estão menos propensos a desenvolver sentimentos de insatisfação profissional e conseqüentemente *burnout*.

Com relação ao tema criatividade e professores, Alencar et al. (2015) constataram que os fatores inibidores mais apontados pelos gestores à promoção do desenvolvimento da criatividade dos alunos pelo professor foram: desconhecimento pelo professor de práticas pedagógicas que poderiam ser utilizadas para propiciar o desenvolvimento da criatividade dos alunos (70,3%), falta de entusiasmo pela atividade docente (65,3%), insegurança para testar novas práticas pedagógicas (54,22%) e desconhecimento de textos (livros e/ou artigos) a respeito de como implementar a criatividade em sala de aula (54,2%).

Relacionado às barreiras à criatividade pessoal, os resultados encontrados por Castro e Fleith (2008), indicaram que não há diferença significativa entre os grupos de professores com mais ou menos tempo de experiência docente em relação às barreiras pessoais à expressão da criatividade. Quanto à percepção do clima para criatividade em sala de aula, os resultados indicaram diferenças significativas entre os grupos de alunos de professores com menos e mais experiência docente. Os alunos dos professores com mais tempo de docência avaliaram o clima de sala de aula como mais estimulador do interesse pela aprendizagem do que os alunos dos professores com menos experiência. De acordo com os autores, os professores das escolas particulares demonstram maior capacidade de enfrentar os entraves de sua profissão, apresentando mais capacidade de encontrar maior número de soluções e ideias para uma situação, e oportunizar um ambiente mais propício à expressão criativa dos alunos (Castro & Fleith, 2008). Isto pode ser explicado pelas melhores condições de trabalho encontradas na rede particular de ensino uma vez que este ambiente influencia claramente



na criatividade dos profissionais. Vale ressaltar que este artigo trouxe como principal barreira apontada tanto pelos professores de escolas públicas quanto de particulares, com menos ou mais experiência docente, as questões relativas à falta de tempo e oportunidade.

## SÍNTESE INTEGRADORA

Conforme dados apresentados na literatura por Assunção e Oliveira (2009) e Tostes, Albuquerque, Silva, Souza e Petterle (2018), ocorreram mudanças importantes no trabalho docente a partir das transformações nas organizações e no modelo de Educação atual, principalmente no que diz respeito ao ensino público, o que provocou o aumento de responsabilidades e exigências sobre os educadores, também influenciado pelo corte de gastos, recursos e a situação de vulnerabilidade social, requerendo maior autonomia e capacidade de resolver os problemas encontrados. Além disso, estes profissionais também possuem como dever estimular o potencial de aprendizagem dos alunos e ensiná-los a conviver em sociedade.

Relacionado ao aumento de responsabilidades e exigências e refletindo a partir do fator carga horária, os professores contemplados nas pesquisas de Silva et al. (2018), Carlotto (2011), Levy et al. (2009) e Batista et al. (2010) trabalham de 30 a 60 horas semanais, podendo ser em dois e três turnos e até mesmo em mais de uma escola, sendo em sua maioria, setor público, apresentando um número elevado de alunos em sala de aula, tendo contato diariamente uma média de 103,07 alunos apontado na pesquisa de Carlotto (2011). As consequências são baixa produtividade, absenteísmo, afastamento de função, ocorrência de acidentes de trabalho e, até mesmo, o abandono da profissão. Além disso, os resultados destes estudos também apresentaram que os docentes entrevistados já pediram algum tipo de afastamento, sendo esse índice superior entre os profissionais que atuam na rede pública pois não se veem recompensados pelos seus esforços, citando como fatores principalmente a insatisfação profissional, o baixo salário e o desinteresse dos alunos, conforme apresentado por Esteves-Ferreira et al. (2014).

Retomando as dimensões da Síndrome de *Burnout* abordadas por Limongi-França e Rodrigues (2005), as quais são exaustão emocional (esgotamento, pouca energia para realizar as atividades, irritação, baixa tolerância), baixa realização profissional e pessoal (sentimentos de decepção e frustração passam a fazer parte do cotidiano do trabalhador, além da queda da autoestima que pode levar à depressão) e despersonalização (distanciamento emocional expresso por meio de uma postura com frieza e indiferença diante das necessidades dos outros), os resultados dos artigos encontrados apresentam, em sua maioria, alto nível de exaustão emocional e despersonalização e baixa realização profissional, fatores que contribuem para o desenvolvimento da Síndrome de *Burnout*, considerando ainda 64,9%

dos professores acredita que a profissão é um fator estressante, conforme apontado por Batista et al. (2010).

Os autores Silva et al. (2018), Levy et al. (2009), Batista et al. (2010) que apresentam estudos realizados com professores de escolas públicas do Brasil, verificaram que existe a prevalência da Síndrome de *Burnout* nos professores desta área, assim como os estudos comparativos entre escolas públicas e privadas, apresentados por Esteves-Ferreira et al. (2014) e Carlotto (2014) que apresentam alto nível de prevalência da Síndrome de *Burnout*, ressaltando o indicador trabalho em escola pública como elemento importante para o desenvolvimento da mesma, principalmente pelo fator salário e pelas condições de trabalho oferecidas. Foi identificado na pesquisa dos autores que, no ensino privado, os professores possuem menores chances de apresentarem insatisfação e desenvolverem a Síndrome de *Burnout*, principalmente por atuarem em escolas com melhor infraestrutura, com maior disponibilidade de recursos didáticos e melhor remuneração.

Como o objetivo dessa pesquisa é investigar e refletir acerca da criatividade em professores do ensino fundamental com Síndrome de *Burnout*, foi necessário recorrer aos autores clássicos da psicanálise para poder discutir esse tema com os resultados obtidos nos artigos sobre o tema. Sendo assim, retomamos o conceito de criatividade apresentado por Freud (em Brandão, 2018) o qual considera a criatividade como produto da fantasia inconsciente e das ilusões na distensão do vínculo com a realidade, referindo-se ao ato criativo como uma intensa experiência no momento presente que desperta uma lembrança anterior, geralmente tendo início na infância, considerando que o ser humano não abre mão de um prazer experimentado anteriormente, e ao perdê-lo, tenta encontrar formas de recuperá-lo. Também apresenta o conceito de sublimação, que objetiva afastar o sofrimento a partir do deslocamento de libido.

De acordo com Castro e Fleith (2008), não há diferença significativa com relação à criatividade entre os grupos de professores com mais ou menos tempo de experiência docente, o que pode nos levar a refletir que o impulso criativo é algo que independe da idade do sujeito e do tempo pela qual está exposto a ambientes que estimulem ou não, o seu desenvolvimento, sendo possível encontrá-lo a qualquer momento da vida. Ao mesmo tempo, diante da percepção do clima para criatividade em sala de aula, os resultados indicaram diferenças significativas entre os grupos de alunos de professores com menos e mais experiência docente. Os alunos dos professores com mais tempo de docência avaliaram o clima de sala de aula como mais estimulador do interesse pela aprendizagem do que os alunos dos professores com menos tempo de experiência. Em relação a este resultado, é possível refletir no fato de que, apesar do ambiente e dos fatores externos, o sujeito recorre

para recursos internos, onde ali busca, se reconecta e pode encontrar sentido e significado diante da falta (Castro & Fleith, 2008). É possível refletir que a falta, à luz da teoria de Winnicott, se for percebida como uma experiência já vivenciada, pode ser tolerada e possível de ser superada a partir de uma ação criadora frente ao mundo (Winnicott, 1975).

Como foi citado acima, para Winnicott (1975) a criatividade é algo inata ao ser humano, sendo que é por meio da percepção criativa que o indivíduo se expressa e sente prazer na vida. O autor considera ainda que o processo criativo ocorre num estado saudável do indivíduo, podendo estar prejudicado quando o indivíduo está adoecido ou sendo afetado por fatores externos, como ambientais e trabalho. Associado a isso, podemos mencionar a Síndrome de *Burnout*, que se caracteriza justamente por uma condição que incapacita o sujeito de criar, considerando que para Winnicott (1975) há um vínculo entre o viver criativo e o viver propriamente dito, no qual as disposições ambientais são inteiramente incluídas na capacidade de criar. Os professores das escolas particulares demonstram maior capacidade de enfrentar os entraves de sua profissão, o que pode ser explicado pelas melhores condições de trabalho encontradas, uma vez que este ambiente influencia claramente na possibilidade criadora destes profissionais.

Além disso, Winnicott (1953 em Martins, 2015) também relaciona o tema da criatividade ao uso e função do objeto transicional e o desenvolvimento emocional na infância. De acordo com o autor, o objeto transicional permite à criança e ao futuro adulto, a possibilidade de vivenciar o sentimento de continuidade, sendo que na pior das hipóteses, o seu não uso pode ser compreendido como uma ameaça de invasão ou ao abandono. Nesses casos, os sujeitos podem apresentar como forma de defesa, uma experiência de fechamento sobre si mesmo, o que é apresentado nos resultados encontrados por Alencar et al. (2015) como falta de entusiasmo pela atividade docente e insegurança para testar novas práticas pedagógicas. Essas características apontadas pelos pesquisadores, nos remetem a pensar na impossibilidade de utilização de recursos internos e uma falha no reencontro com a criatividade por estes professores. Dessa forma, cabe ressaltar que na infância o ambiente é fundamental para o desenvolvimento da área da ilusão e da criatividade, uma vez que é através daí que o bebê inicia a sua relação com o mundo. Já no adulto, se espera a partir da sua maturidade emocional que ele possa ter recursos internos e possa, enfim, transformar sua realidade atual.

Ademais, verificou-se que o tema da Síndrome de *Burnout* possui uma grande produção de artigos e materiais, porém, percebe-se que em sua maioria o foco está direcionado mais na patologização do que na saúde mental. Os professores têm adoecido pela sobrecarga e questões ambientais, que podem levar ao desenvolvimento da Síndrome

de Burnout, porém, a criatividade pode ser uma solução encontrada para evitar o adoecimento junto a melhores condições de trabalho e maior valorização do mesmo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer dessa pesquisa, a hipótese inicial sobre o tema dos professores do ensino fundamental foi sendo confirmada, uma vez que já se tinha suposições de que a rede pública, em sua maioria, apresenta dificuldades em oferecer condições de trabalho favoráveis aos professores, o que possui influência no desempenho e na satisfação profissional dos docentes, principalmente aqueles que trabalham com essa fase do desenvolvimento. O estudo mais aprofundado permitiu mergulhar na realidade do professor de escola pública, possibilitando compreender ainda mais o espaço que vive e todo o contexto no qual está inserido. Percebe-se que, a maioria apresenta questões que demandam atenção, e nesse momento, cabe refletir sobre a importância da Psicologia nas escolas, acompanhando esse grupo que possui um papel tão importante na educação.

Com relação aos artigos do tema da criatividade em professores, foram encontradas poucas produções nos bancos de dados selecionados para esta pesquisa, sendo um fator limitante deste estudo. No entanto, aqueles encontrados foram de grande importância para melhor compreensão e reflexão acerca do tema, conforme proposto nos objetivos deste trabalho. Sugere-se mais estudos e maior aprofundamento deste tema para que se possa contribuir cada vez mais com essa área tão importante na vida dos sujeitos.

Dessa forma, foi possível compreender que, quando falamos em docência, muito se reflete acerca da prática em si e dos seus resultados, porém a docência vai muito além disso e relaciona-se a um grande investimento de recursos internos para o seu desempenho, principalmente quando pensamos em um ambiente que já não está saudável, demandando ainda mais energia do profissional para prosseguir atuando.

Em relação a Síndrome de *Burnout*, ficou evidente o quanto existem muitos estudos a respeito da síndrome, em diversas áreas laborais, o que é bastante positivo quando pensamos em aprofundar e desenvolver o conhecimento, e por outro lado, nos mostra o quanto o adoecimento está presente na vida dos sujeitos e precisamos estar atentos. O fator exaustão emocional apareceu como um dos fatores mais apresentados pelos professores contemplados nessa pesquisa, o que nos convoca pensar que estes professores estão trabalhando mesmo sem estar em condições suficientes para tal. A Síndrome de Burnout pode ser desenvolvida por qualquer profissional, sendo necessário ampliar o cuidado, o bem-estar e a saúde do trabalhador nos diferentes espaços e organizações.

Durante a realização deste trabalho, o encontro com os materiais dos temas propostos foi possibilitando maior compreensão e entendimento acerca dos mesmos, sempre tendo em

vista os objetivos deste estudo, os quais foram atingidos em sua grande maioria, porém a carência de pesquisas relacionadas ao tema da criatividade em professores, indicou uma limitação importante, influenciando também no alcance total do objetivo geral. Contudo, isso ressalta a importância de mais estudos relacionados a este tema para futuras discussões, bem como outros olhares e percepções, possibilitando maiores intervenções nesta área.

A partir dos resultados obtidos, também se constatou a importância em oferecer suporte aos professores da rede pública de ensino, oportunizando a eles espaços de escuta diante das suas histórias de vida e também das suas dificuldades, possibilitando o reencontro com a criatividade. Além disso, salienta-se o quanto é urgente o desenvolvimento de políticas públicas com ações voltadas para melhores condições de trabalho, proporcionando maior cuidado com a saúde mental ao invés de manter o foco apenas na produtividade, uma vez que, quando olhamos somente para isso, a capacidade criativa apresenta-se de forma reduzida e o índice de adoecimento na área da docência, segue aumentando significativamente. Os resultados obtidos foram confirmando e ressaltando ainda mais a importância de seguir pesquisando e buscando maior conhecimento, contribuindo com outros estudos para a sociedade.

Por fim, estima-se que este estudo tenha contribuído e oportunizado maior conhecimento sobre os temas, visto que, torna-se cada vez mais importante a atenção voltada para a saúde dos professores e o desenvolvimento de um ambiente escolar saudável e promissor.

## REFERÊNCIAS

- Alencar, E. M. L. S. & Fleith, D. S. (2003). Contribuições teóricas recentes ao estudo da criatividade. *Psicologia: teoria e Pesquisa*, v. 19, n. 1, p. 1-8. Recuperado em 07 maio de 2021 de <https://www.scielo.br/pdf/ptp/v19n1/a02v19n1.pdf>. DOI: 10.1590/S0102-37722003000100002
- Alencar, Eunice M. L. Soriano de et al. Criatividade no Ensino Fundamental: Fatores Inibidores e Facilitadores segundo Gestores Educacionais. Apoio: CNPq . *Psicologia: Teoria e Pesquisa* [online]. 2015, v. 31, n. 1 [Acessado 30 Setembro 2021] , pp. 105-114. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-37722015011849105114>>. ISSN 1806-3446. <https://doi.org/10.1590/0102-37722015011849105114>.
- Alves, M. L. C. & Castro, P. F. (2015). Criatividade: histórico, definições e avaliação. *Revista Educação*, 10 (2), 47-58. Acesso em 10 maio de 2021 de <http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/2161/1611>
- Andreazzi, L., Jacarini, C.S., Prigenzi, L. (1994). Criatividade e conduta participativa em sala de aula. [Resumos] *II Congresso Nacional de Pré-Escola*. Campinas/SP: PUC-Campinas.
- Assunção, A. A. & Oliveira, D. A. (2009). Intensificação do trabalho e saúde dos professores. *Educação & Sociedade*, 30 (107), 349-372. DOI: 10.1590/S0101-73302009000200003
- Batista, J. B. V., Carlotto, M. S., Coutinho, A. S. & Augusto, L. G. S. (2010). Prevalência da Síndrome de Burnout e fatores sociodemográficos e laborais em professores de escolas municipais da cidade de João Pessoa, PB. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 13(3), 502-512. DOI: 10.1590/S1415-790X2010000300013
- Brandão, G. M. M. (2018). *Sobre o pensar e a Criatividade: A psicanálise de Freud e as teorias do pensamento*. Núcleo Psicanalítico de Maceió. Acesso em 15 de Setembro, 2021, de [https://www.nucleopsicanaliticomaceio.com.br/artigos/1/105/sobre\\_o\\_pensar\\_e\\_a\\_criatividade:\\_o\\_que\\_nos\\_diz\\_a\\_psican%C3%A1lise](https://www.nucleopsicanaliticomaceio.com.br/artigos/1/105/sobre_o_pensar_e_a_criatividade:_o_que_nos_diz_a_psican%C3%A1lise)
- Brasil. (20 Dez., 1996). *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – Dispõe sobre as diretrizes e bases da educação nacional*. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, DF. Acesso em 08 maio de 2021 de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)
- Brasil. (06 Mai., 1999). *Lei nº 3.048, de 6 de maio de 1999 – Dispõe sobre o Regulamento da Previdência Social, e dá outras providências*. Presidência da República. Casa Civil.



- Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, DF. Acesso em 08 maio de 2021 de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/d3048.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3048.htm)
- Brasil. (16 Jul., 2008). *Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008 – Dispõe sobre a alínea “e” do inciso III do caput do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica*. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, DF. Acesso em 10 maio de 2021 de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/11738.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11738.htm)
- Brasil. (25 Jun., 2014). *Lei nº 13.005 de 25 de Junho de 2014 – Dispõe sobre o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências*. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, DF. Acesso em 05 maio de 2021 de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm)
- Cardoso H. F., Baptista. M. N., Sousa, D. F. A., & Júnior E. G. (2017). Síndrome de *burnout*: análise da literatura nacional entre 2006 e 2015. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 17(2), 121-128. DOI: 10.17652/rpot/2017.2.12796
- Carlotto, M. S. (2002). A Síndrome de *Burnout* e o trabalho docente. *Psicologia em Estudo*, 7(1), 21-29. DOI: 10.1590/S1413-73722002000100005.
- Carlotto, M. S. (2011). Síndrome de *Burnout* em professores: prevalência e fatores associados. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(4), 403-410. DOI: 10.1590/S0102-37722011000400003
- Castro, J. S. R. & Fleith, D. S. (2008). Criatividade escolar: relação entre tempo de experiência docente e tipo de escola. *Psicologia Escolar e Educacional*, 12(1), 101-118. Acesso em 29 de setembro de 2021, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85572008000100008&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572008000100008&lng=pt&tlng=pt).
- Esteves-Ferreira, A. A., Santos, D. E. & Rigolon, R. G. (2014). Avaliação comparativa dos sintomas da síndrome de burnout em professores de escolas públicas e privadas. *Revista Brasileira de Educação*, 19(59), 987-1002. DOI: 10.1590/S1413-24782014000900009
- Ferreira, A. A. E., Santos, D. E., & Rigolon, R. G. (2014). Avaliação comparativa dos sintomas da síndrome de burnout em professores de escolas públicas e privadas. *Revista Brasileira de Educação*, 19(59), 987-1002. DOI: 10.1590/S1413-24782014000900009
- Flick, U. (2013). *Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes* (M. Lopes, Trad.). Porto Alegre: Penso.
- Gil, A. C. (2010). *Como elaborar projeto de pesquisa* (4ª ed.). São Paulo: Atlas.

- Grillo, R. M. & Navarro, E. R. (2020). *Psicologia: desafios, perspectivas e possibilidades*. [E-book]. São Paulo: Editora Científica Didital.
- Holanda, A. B. (2010). *Dicionário de língua portuguesa* (5ª ed.). Curitiba: Positivo.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. (2019). Censo de Educação Básica. Resumo Técnico. Brasília: MEC. Acesso em 17 de Setembro, 2021, de <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados>
- Jacomini, M. A. & Penna, M. G. D. O. (2016). Carreira docente e valorização do magistério: condições de trabalho e desenvolvimento profissional. *Pro-Posições*, 27(2), 177-202. DOI: 10.1590/1980-6248-2015-0022
- Lei nº 13.424, de 5 de abril de 2010 - Dispõe sobre o vencimento básico do Magistério Público Estadual e do Quadro dos Servidores de Escola e dá outras providências.* Estado do Rio Grande do Sul. Assembleia Legislativa. Gabinete de Consultoria Legislativa. Acesso em 05 maio de 2021 de [https://servicos.educacao.rs.gov.br/dados/lei\\_06672\\_20130311.pdf](https://servicos.educacao.rs.gov.br/dados/lei_06672_20130311.pdf)
- Levy, G. C. T. M., Nunes Sobrinho, F. P. & Souza, C. A. A. (2009). Síndrome de Burnout em professores da rede pública. *Produção*, 19(3), 458-465. DOI: 10.1590/S0103-65132009000300004
- Lima, T. C. S. & Miotto, R. C. T. (2007). Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. [Versão Eletrônica]. *Revista Katálisis*, 10(num. esp.), 37-45.
- Limongi-França. A. C. & Rodrigues, A. L. (2005). *Stress e trabalho: uma abordagem psicossomática*. (3ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Lipp, M. E. N. (Org). (2014). *O stress do professor*. São Paulo: Editora Papirus.
- Lopes, A. P. & Pontes, E. A. S. (2009). Síndrome de Burnout: um estudo comparativo entre professores das redes pública estadual e particular. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 13(2), 275-281. DOI: 10.1590/S1413-85572009000200010
- Maciel, M. R. (2018). Winnicott e a educação hoje: uma reflexão a partir dos conceitos de moralidade, criatividade e agressividade. *APRENDER - Caderno De Filosofia E Psicologia Da Educação*, 2(11), 139-153. Acesso em 30 de outubro, 2021, de <https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/3121>
- Martins, I. S. (2015). *Criatividade, Equação Simbólica e Objecto Transicional na Obra de E. Munch*. Dissertação de Mestrado não-publicada. Instituto Universitário, Ciências

- Psicológicas, Sociais e da Vida. Lisboa: Portugal. Acesso em 25 de outubro, 2021 de <https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/3971/1/19766.pdf>
- Mazon, V., Carlotto, M. S. & Câmara, S. (2008). Síndrome de Burnout e estratégias de enfrentamento em professores. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 60(1), 55-66. Acesso em 24 de Outubro, 2021, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672008000100006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672008000100006)
- Mendanha, M. H., Bernardes, P. F. & Shiozawa, P. (2018). *Desvendando o burnout: Uma análise interdisciplinar da Síndrome do Esgotamento Profissional*. São Paulo: Ltr.
- Ministério da Saúde. (2001). Doenças relacionadas com o trabalho: *Manual de procedimentos para os serviços de saúde*. Brasília: Ministério da Saúde do Brasil. Acesso de [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/doencas\\_relacionadas\\_trabalho1.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/doencas_relacionadas_trabalho1.pdf)
- Ministério da Educação. (2021). *Plano Nacional de Educação em Movimento*. Acesso em 05 maio de 2021 de <http://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>
- Ministério da Educação. (2021). *Seja um professor*. Acesso em 05 maio de 2021 de <http://sejaumprofessor.mec.gov.br/index.php>
- Nascimento, K. B. & Seixas, C. E. (2020). O adoecimento do professor da Educação Básica no Brasil: apontamentos da última década de pesquisas. *Educação Pública*, 20(36), 1-13. DOI: 10.18264/REP
- Oliveira, C. B. E. & Alves, P. B. (2005). Ensino Fundamental: papel do professor, motivação e estimulação no contexto escolar. *Paidéia*, 15(31), 227-238. Acesso em 18 de Outubro, 2021 de <https://www.scielo.br/j/paideia/a/sjpNBLngmQKQByhSppptj7G/?format=pdf&lang=pt>
- Organização Pan-Americana da Saúde e Organização Mundial da Saúde Brasil. (2019). *CID: burnout é um fenômeno ocupacional*. Acesso em 27 março, 2021, de <https://www.paho.org/pt/noticias/28-5-2019-cid-burnout-e-um-fenomeno-ocupacional>
- Pereira, A. M. T. B. (2010). *Burnout: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Roncato, L. (2007). *Fontes de estresse ocupacional, coping e resiliência em psicólogas clínicas no ambiente de consultório*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais e Saúde da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e

- Pesquisa. Universidade Católica de Goiás – PUC/Goiás: Brasil. Acesso em 28 abril de 2021 de <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/3087>
- Rosas, A. S. (2016). Paulo Freire na trilha da criatividade libertadora. *Revista Interterritórios.*, 2(2), 18-31. DOI: 10.33052/inter.v2i2.5022
- Santos, A. T. (1995). *Estudo da criatividade no Brasil: análise das testes/dissertações em Psicologia e Educação*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas. Acesso em 18 de Outubro de 2021, de [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP\\_450a02d947779ca6f29c17b5bd2ddf1c](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_450a02d947779ca6f29c17b5bd2ddf1c)
- Seabra, J. M. (2008). *Criatividade*. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra: Portugal. Acesso em 02 maio de 2021 de <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0104.pdf>
- Silva, N. R., Bolsoni-Silva, A. T. & Loureiro, S. R. (2018). Burnout e depressão em professores do ensino fundamental: um estudo correlacional. *Revista Brasileira de Educação*, 23, 1-18. DOI: 10.1590/S1413-24782018230048
- Souza, F. V. P. (2018). Adoecimento mental e o trabalho do professor: um estudo de caso na rede pública de ensino. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 21(2), 103-117. DOI: 10.11606/issn.1981-0490.v21i2p103-117
- Tostes, M. V., Albuquerque, G. S. C. S., Souza, M. J. & Petterle, R. R. (2018). Sofrimento mental de professores do ensino público. *Saúde em Debate*, 42(116), 87-99. DOI: 10.1590/0103-1104201811607
- Winnicott, D. (1975). *O Brincar & a realidade* (J. O. A. Abreu & V. Nobre, Trans.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1971)
- Wunsch, L. P., Cruz, M. B., Blaszkowski, D. A. A. M., & Cuch, L. B. (2017). *Comunicação, colaboração, criatividade e criticidade: os 4c e os saberes do docente da educação básica*. EDUCERE: XIII Congresso Nacional de Educação, Curitiba. Acesso em 28 de Outubro de 2021, de [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24758\\_13961.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24758_13961.pdf)
- Zanatta, A. A. & Lucca, S. R. (2015). Prevalência da síndrome de burnout em profissionais da saúde de um hospital oncohematológico infantil. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 49(2), 253-260. DOI: 10.1590/S0080-623420150000200010

## ANEXOS

### ARTIGO 1

*Burnout* e depressão em professores do ensino fundamental: um estudo correlacional  
Silva, Bolsoni-Silva & Loureiro (2018)

Este artigo apresenta um estudo realizado em escolas públicas municipais de municípios da região central do interior do estado de São Paulo e participaram 100 professoras do 2º ao 5º ano. As professoras tinham idade média de 41,95 anos, a maioria (80%) era casada e trabalhava até 30 horas semanais (61%). Sobre a sua formação acadêmica, apenas 12% cursaram pós-graduação, 81% atuavam no magistério há mais de seis anos. O número de alunos por sala identificado foi de até 25 (79%), 42% dos professores tinham em suas salas alunos com necessidades especiais, 39% trabalhavam em mais de uma escola, e, quanto às condições de trabalho (temperatura, ventilação, iluminação, espaço físico e disponibilidade de recursos materiais), a maioria avaliou como parcialmente satisfatória ou satisfatória (acima de 60%). Quanto ao burnout, foi identificada a prevalência de 29%, sendo constatado distanciamento emocional (40%), exaustão emocional (37%), desumanização (22%) e realização pessoal (11%). A depressão foi identificada em 23% dos professores, além de correlações positivas e fortes entre a depressão e as dimensões do burnout. Quanto ao burnout, os autores destacam que existe uma relação entre as dimensões da síndrome, considerando que existe a possibilidade de comprometimento em várias dimensões, pois a exaustão emocional e a sobrecarga de trabalho experimentada pelo professor podem prejudicar o exercício de sua função, diminuindo a sua autoconfiança e gerando uma avaliação negativa de suas capacidades, resultando em diminuição da realização pessoal o que pode comprometer a qualidade do ensino oferecido ao aluno, expresso pela despersonalização destes profissionais.

### ARTIGO 2

Avaliação comparativa dos sintomas da síndrome de burnout em professores de escolas públicas e privadas  
Esteves-Ferreira, Santos & Rigolon (2014)

Esta pesquisa teve como objetivo avaliar a presença dos sintomas da Síndrome de *Burnout* em professores de instituições públicas e privadas de ensino básico do município de Viçosa. Para isso, foi elaborado um questionário composto de questões abertas

(discursivas) e aplicado em um total de dezoito escolas, sendo estas municipais, estaduais e particulares (seis de cada). Para responder aos questionários, foram selecionados de forma aleatória dez professores atuantes que lecionam entre o primeiro e o nono ano do ensino básico. No total, foram entregues 180 questionários, que tratavam da formação acadêmica dos professores, dos principais motivos que os levaram a escolher a profissão, do porquê da sua permanência, do grau de satisfação dos profissionais, do número de cargos em que atuam ou se exercem outras atividades remuneradas, da presença de alguma enfermidade, das condições de trabalho e das perspectivas em relação à educação. Para a análise dos resultados, foram utilizados os métodos de categorização e análise de conteúdo.

Sobre os resultados, foram respondidos 71 questionários, os quais apresentaram os seguintes dados: 54,93% possuem mais de 40 anos de idade e 53,52% exercem a profissão há mais de dez anos; 84,5% dos profissionais eram do sexo feminino, 63,38% eram casados, 66,19% tinham filhos e 21,56% exerciam outra atividade remunerada além da docência; 45,09% e 13,72% dos profissionais entrevistados trabalham em dois e três turnos, respectivamente; 52% dos professores entrevistados possuem prazer em exercer a profissão e a satisfação profissional estava entre os principais motivos; 34% dos profissionais, principalmente do ensino público, não se veem recompensados pelos seus esforços, citando como fatores principalmente a insatisfação profissional, o baixo salário e o desinteresse dos alunos

Com relação ao entusiasmo dos professores em relação à sala de aula aproximadamente 55% relatam ter mantido ou até mesmo aumentado seu entusiasmo após anos de dedicação à docência, sendo os valores obtidos nas redes públicas e privadas muito semelhantes. Outros 36% dos docentes, em grande parte da rede pública, afirmaram sentir uma redução do entusiasmo. Fatores como o desinteresse dos alunos, as condições de trabalho inadequadas e o sentimento de desvalorização foram citados como desencadeadores desse processo. Além disso, 36,62% dos docentes entrevistados já pediram algum tipo de afastamento, sendo esse índice superior a 40% entre os profissionais que atuam na rede pública. Na rede privada, apenas 20% dos entrevistados já se ausentaram de suas atividades. Os motivos dos afastamentos foram problemas psicológicos como ansiedade, depressão e estresse apenas entre os docentes da rede pública. Os professores que atuam no ensino privado se ausentaram apenas devido a problemas de saúde física e doenças do sistema osteomuscular.

Com base nos resultados encontrados neste estudo, é possível fazer uma correlação entre as condições de trabalho e a saúde do professor, uma vez que a insatisfação profissional e as condições inadequadas de trabalho podem desencadear alterações no bem-estar físico

ou psicológico desses profissionais, deixando-os mais propícios a desenvolverem o burnout e levando-os a se afastarem do trabalho. Ainda, quando comparados ensino público e privado, os professores que atuam no ensino privado indicam que estão mais satisfeitos com sua profissão, pois 80% dos docentes não manifestaram vontade em se aposentar, caso fosse possível, e 75% afirmaram estar realizados profissionalmente, destacando como fatores o prazer pelo trabalho, a valorização profissional e pessoal. Já os docentes do ensino público apresentaram insatisfação com as condições de trabalho, considerando que existe desinteresse por parte dos alunos e baixos salários, acarretando um sentimento de insatisfação desses profissionais. Os professores dedicam-se a uma dupla ou tripla jornada de trabalho para obter uma melhor remuneração e apresentam pouco tempo para descansar e se dedicar à família, sendo mais comuns nesses profissionais os sintomas de estresse, depressão e ansiedade, os quais são característicos da Síndrome de *Burnout*.

Apesar dos contextos negativos, os professores do município de Viçosa não abandonam a profissão por motivos como o gosto pelo ensino e a expectativa por serem reconhecidos profissionalmente em algum momento. Por fim, os autores percebem que ao comparar dados deste estudo com alguns já presentes na literatura, os professores da rede pública de ensino se mostraram mais propensos a desenvolver o *burnout* que os professores da rede privada, principalmente pela precariedade em termos de salário e condições de trabalho em um contexto com intensa e estressante rotina, o que afeta a qualidade de seu trabalho e o bem-estar mental. Já os profissionais do ensino privado, por atuarem em escolas com melhor infraestrutura, maior disponibilidade de recursos didáticos e que oferecem uma melhor remuneração, estão menos propensos a desenvolver sentimentos de insatisfação profissional e conseqüentemente o *burnout*.

### **ARTIGO 3**

Síndrome de *Burnout* em professores: prevalência e fatores associados

Carlotto (2011)

Participaram desta pesquisa 881 professores que exercem atividade docente em oito escolas públicas e seis escolas privadas de médio porte localizadas na zona urbana de três cidades localizadas na região metropolitana de Porto Alegre – RS. Os professores investigados, em sua maioria, são mulheres (54,1%), casados (54,8%), possuem filhos (75,6%) e apresentam idade média de 32,2 anos. Possuem em média 11,5 anos de experiência profissional, trabalham em média 30 horas semanais e possuem contato diariamente com uma média de 103,07 alunos. Quanto ao tipo de escola, 60,8% dos professores atuam a maior

parte de sua carga horária em escola pública e 39,2% em escola privada. Em termos de prevalência, verifica-se que a dimensão com percentual mais elevado é a de baixa realização profissional e a de menor percentual é a de despersonalização.

Dentre os resultados, foi identificado que quanto maior a idade dos professores, maior é o sentimento de distanciamento e menor o de realização no trabalho. Com relação à carga horária, verificou-se que quanto mais elevada, maior é o sentimento de desgaste emocional e menor o sentimento de realização com o trabalho. A elevação do número de alunos atendidos diariamente também aumenta o desgaste emocional, o distanciamento e diminui a realização profissional desses professores. Além disso, a pesquisa também revela que as mulheres apresentam maior exaustão emocional e maior realização no trabalho, sendo que homens apresentam maior despersonalização. Nesse sentido, os autores ressaltam sobre o quanto a profissão docente ainda é percebida como uma extensão da função materna e a elevação da exaustão emocional pode ser interpretada também pela questão da emocionalidade vinculada ao papel feminino e dupla jornada de trabalho. Já com relação aos homens, o sentimento de não realização profissional pode estar relacionada às expectativas de sucesso, competição e desenvolvimento.

Quanto à situação conjugal, os sujeitos sem companheiro fixo apresentaram maior realização no trabalho. Já os professores sem filhos possuem maior exaustão emocional e os que têm filhos menor despersonalização e realização no trabalho. Além disso, professores que atuam em escolas públicas possuem maior desgaste emocional, maior despersonalização e menor realização profissional. Este estudo aponta para um perfil de risco constituído por professores jovens, sem relacionamento conjugal estável e filhos, que atuam em escolas públicas, possuem elevada carga horária de trabalho e relacionam-se com um maior número de alunos.

Relacionado à Síndrome de *Burnout*, professores que atuam em escola pública apresentam maiores médias nas três dimensões da Síndrome de *Burnout* relacionadas a diversos estressores, alguns típicos da natureza da função exercida, outros provenientes do contexto institucional e social na qual ela é exercida. Diferenças entre os contextos de trabalho, considerando-se uma mesma profissão são responsáveis, em grande medida, pela forma como se configura a Síndrome de *Burnout*.



#### **ARTIGO 4**

Síndrome de *Burnout* em professores da rede pública

Levy, Nunes Sobrinho & Souza (2009)

Participaram deste estudo 119 professores da rede pública do ensino fundamental de uma cidade localizada na região Sudeste do país. A pesquisa foi desenvolvida em cinco escolas de cada um dos polos da rede municipal de ensino, vinculados à Fundação Municipal de Educação e acolhem 27.019 alunos, distribuídos por 82 unidades escolares. Dentre os 119 professores selecionados para o estudo, 77 (64,7%) responderam aos instrumentos. Desse total, 54 professores (70,13%) apresentavam sintomas de Burnout, 85% sentiam-se ameaçados em sala de aula, 44% cumpriam uma jornada de trabalho superior a 60 horas semanais e 70% estavam incluídos na faixa etária inferior a 51 anos. Foi possível constatar a presença de fatores que influenciam no desenvolvimento da Síndrome de Burnout em professores como, por exemplo, a violência instalada no ambiente escolar, a jornada de trabalho excessiva, os baixos salários, a idade do professor associada à falta de experiência profissional e a formação continuada deficitária para o atendimento das demandas educacionais na atualidade, bem como os aspectos vinculados à rotina diária do professor, modos de gestão, políticas educacionais, composição e tamanho das turmas, e infraestrutura material das escolas como carregar material didático, permanecer de pé e em posição inadequada por longos períodos, além do excesso de carga de trabalho.

A partir dos resultados, os autores dessa pesquisa sugerem que a mesma poderá juntar-se a outros estudos para contribuir na implementação de políticas públicas e instalação de serviços de caráter preventivo na rede municipal de Educação, bem como a elaboração de ações ergonômicas organizacionais de enfrentamento e programas que auxiliarão o professor no manejo do *burnout*, estendendo-se o benefício a todos os envolvidos no ambiente escolar. Os autores também sugerem que se humanize o posto de trabalho docente, sob os aspectos de saúde, higiene, segurança, bem-estar físico e mental e ambiente ocupacional do professor de sala de aula.

#### **ARTIGO 5**

Prevalência da Síndrome de *Burnout* e fatores sociodemográficos e laborais em professores de escolas municipais da cidade de João Pessoa/PB

Batista, Carlotto, Coutinho & Augusto (2010)

Este estudo foi realizado nas Regiões de Ensino da Prefeitura Municipal de João Pessoa/PB, que se distribuem de acordo com os bairros da cidade e pólos. Por meio de um sorteio, 18 escolas foram escolhidas de maneira que cada pólo tivesse sua representação e todas as regiões da cidade fossem contempladas. Os professores foram sorteados a partir de lista nominal fornecida pela direção das escolas, considerando a proporção de cada unidade. Os 265 professores participantes dessa pesquisa têm idade média de 43,5 anos (mínimo de 20 e máximo de 66), a maioria dos sujeitos é do sexo feminino (90,9%), 59,6% possui companheiro fixo, 72,1% tem filhos e 72,5% possuem nível de escolaridade superior. Além disso, 64,9% apresentam estabilidade no emprego, 67,6% trabalham 40 horas semanais ou mais e 70,2% tem mais de 10 anos de tempo de serviço, considerando que 71,3% não exerce outra atividade além do magistério. A maioria não acredita que a atividade profissional interfere na vida pessoal (53,6%) e 55,8% não sente a profissão menos interessante do que quando começou, bem como 55,5% não pensa em mudar de profissão. Contudo, 64,9% acredita que a profissão está estressando, porém 57,4% não tem se afastado do trabalho por motivo de saúde. No que se refere aos resultados da avaliação das dimensões do *burnout*, o estudo verificou que 8,3% dos professores apresentaram alto nível de despersonalização, 33,6% alto nível de exaustão emocional e 56,6% alto nível de baixa realização pessoal no trabalho. No que diz respeito à análise da relação entre as dimensões de *burnout* e às variáveis sociodemográficas e laborais, verificou-se que a dimensão despersonalização apresentou associação com não ter companheiro fixo (0,019), a faixa etária de 40 e 59 anos, a estabilidade no trabalho, tempo de serviço de 21 a 30 anos. O distanciamento, a desmotivação e o endurecimento afetivo no trabalho associaram-se a pessoas sem companheiro fixo, com mais de 40 anos, estáveis no emprego, com mais de 20 anos de trabalho. Os autores também observaram nos resultados, uma coerência entre o sentimento de esgotamento de recursos emocionais com relação ao trabalho e o perfil laboral dos professores. Os professores com carga máxima de trabalho, que sentem sua vida pessoal atingida pelo trabalho, que já pensaram em mudar de profissão, que sentem a profissão estressante e que já se afastaram do trabalho por motivo de saúde possuem justificativas suficientes para o desenvolvimento da dimensão exaustão emocional. Além disso, os resultados também relacionam sentimentos de incapacidade e fracasso no trabalho, insatisfação, autodepreciação e baixa autoestima. Os professores que têm filhos, que atuam com uma elevada carga horária de trabalho, que sentem que a profissão está interferindo na sua vida, que consideram a profissão menos interessante do que quando começaram a trabalhar e acreditam que a mesma é estressante, possuem maior sentimento de que a profissão não é fonte de realização pessoal.

Diante do quadro apresentado da Síndrome de *Burnout* nos professores do ensino fundamental da cidade de João Pessoa, os resultados evidenciaram que 33,6% dos professores apresentaram alto nível de exaustão emocional, 43,4% baixa realização profissional e 8,3% já revelam altos índices de despersonalização. Soma-se a isso uma realidade em que a maioria da classe docente submete-se a uma sobrecarga de trabalho, dedica-se exclusivamente ao magistério e sente a profissão como algo que o está estressando. Os resultados revelam um rol de sinais e sintomas que, apesar de a maioria não se transformar em transtornos mentais graves, repercutem em termos de saúde mental, podendo interferir no desempenho profissional dos docentes. A situação preocupa também os autores pelo fato de os professores estarem em pleno exercício funcional, provavelmente agravando o seu quadro com sérios prejuízos para a qualidade de seu trabalho e com consequências importantes na relação ensino-aprendizagem.

O estudo aponta para um quadro complexo de variáveis que podem prevenir ou ocasionar a Síndrome de *Burnout* na população investigada e que sinalizam a importância de intervenções que atuem sobre as variáveis laborais e psicossociais que influenciam o desenvolvimento desse adoecimento ocupacional. Neste sentido os resultados podem subsidiar formas de auxiliar a comunidade escolar na busca de uma melhor qualidade de vida no trabalho e instituições a oferecer à sociedade um trabalho eficiente e qualificado.

## **ARTIGO 6**

Criatividade no ensino fundamental: fatores inibidores e facilitadores segundo gestores educacionais

Alencar, Fleith, Boruchovitch & Borges (2015)

Este estudo foi realizado com 118 gestores de instituições de ensino fundamental de Distrito Federal, sendo 22% do sexo masculino e 78% do sexo feminino. Destes, 81,4% trabalhavam em escolas públicas e os demais (18,6%) em escolas particulares. A idade desses participantes variou de 27 a 66 anos, com tempo de experiência na função variando entre 1 a 40 anos. Quanto ao grau de escolaridade, 32 informaram ter concluído curso superior, 80 ter cursado especialização e 5 o mestrado. A partir disso, constatou-se que os fatores inibidores mais apontados pelos gestores à promoção do desenvolvimento da criatividade dos alunos pelo professor foram o desconhecimento pelo professor de práticas pedagógicas que poderiam ser utilizadas para propiciar o desenvolvimento da criatividade dos alunos (70,3%), a falta de entusiasmo pela atividade docente (65,3%), o elevado número de alunos em sala de aula (62,7%), a insegurança para testar novas práticas pedagógicas

(54,22%) e o desconhecimento de textos (livros e/ou artigos) a respeito de como implementar a criatividade em sala de aula (54,2%).

No que diz respeito às barreiras ao desenvolvimento da criatividade, os resultados sinalizaram que os participantes atribuíam especialmente a fatores relacionados ao professor, como desconhecimento e insegurança para implementar práticas pedagógicas favoráveis ao potencial criativo, conhecimento limitado da literatura na área e pouco entusiasmo pela atividade docente. Neste sentido, a promoção da criatividade no contexto escolar, segundo a percepção destes profissionais, ainda está pautada na figura do professor, ficando em segundo plano o papel do ambiente no estabelecimento de condições que inibem ou dificultam uma atuação criativa por parte do docente. Assim, apesar do professor desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento da criatividade em sala de aula, é preciso considerar a influência de outros fatores neste processo.

Na comparação entre gestores de instituições públicas e particulares, notou-se que os primeiros atribuíram mais ao aluno as dificuldades encontradas pelo professor para desenvolver a criatividade. Por outro lado, os gestores das escolas particulares apontavam as condições de trabalho e estrutura curricular como obstáculos mais frequentes à criatividade.

Quando foi questionado a respeito do que poderiam fazer para auxiliar o professor a desenvolver a criatividade dos alunos, os aspectos mais ressaltados foram apoio psicológico e material. Já com relação às práticas pedagógicas que o docente poderia utilizar em sala de aula a fim de estimular as habilidades criativas, os profissionais salientaram a necessidade de diversificar as atividades escolares com vistas a motivar o aluno, como por exemplo dinâmicas, atividades artísticas, feiras culturais, passeios etc.). Os dados sugerem que a responsabilidade pela promoção da criatividade recai quase exclusivamente sobre o professor. Os autores também observaram um conhecimento limitado acerca de técnicas e estratégias de estimulação da criatividade, uma vez que as respostas apresentadas apontam práticas pedagógicas gerais e rotineiras, sem qualquer embasamento científico na área de criatividade.

## **ARTIGO 7**

Criatividade escolar: relação entre tempo de experiência docente e tipo de escola

Castro & Fleith (2008)

Colaboraram com este estudo dois grupos de participantes, com dois tempos e períodos de docência, sendo composto por professores da 4ª série, 3º ano do Ensino Fundamental e

seus alunos. No primeiro grupo, a pesquisa contou com a participação de 53 docentes, sendo 23 (43,4%) de escolas públicas e 30 (56,6%) de escolas particulares. Quanto ao gênero, todos os participantes eram mulheres. Observou-se que as séries iniciais estão, geralmente, sob responsabilidade de profissionais do sexo feminino. As idades das professoras variaram de 18 a 55 anos, tendo média igual a 33,9 anos. Destaca-se, contudo, a diferença de idade entre professoras de escolas públicas e particulares. A média de idade das professoras de escolas públicas foi de 38,3 anos, sendo superior à das docentes da rede particular, de 30,5 anos. Quanto à formação, 49,1% das professoras concluíram curso de nível superior e 28,3% ainda estavam cursando a graduação. Sete 13,2% realizaram curso de especialização e 7,5% ainda não haviam concluído a pós-graduação lato sensu. Apenas uma professora possuía mestrado. Em relação ao tempo de docência, as participantes apresentaram uma média de 11,6 anos de profissão, variando entre 1 e 29 anos. A média das professoras de escola pública foi de 15,3 anos e de particular 8,8 anos.

O segundo grupo de participantes foi composto por 967 alunos, sendo 451 (46,6%) de escolas públicas e 516 (53,4%) de escolas particulares. Quanto ao gênero, 509 (52,6%) eram do sexo masculino e 457 (47,3%) do sexo feminino, sendo que um (0,1%) aluno não informou o gênero. A idade média dos alunos foi 10,6 anos, variando entre 8 e 13 anos. Do total de participantes deste grupo, 461 (47,7%) eram alunos de professores com menos de 6 anos de docência, enquanto que 506 (52,3%) eram alunos de professores com mais de 10 anos de docência.

Referente aos resultados, os professores com mais experiência apresentaram desempenho superior em comparação com os professores com menos tempo de docência. Considerando o tipo de escola, foram encontradas diferenças significativas entre professores, considerando que os de escolas particulares apresentaram desempenho superior em comparação com os professores de escolas públicas. Com relação às barreiras à criatividade pessoal, os resultados indicaram que não há diferença significativa entre os grupos de professores com mais ou menos tempo de experiência docente em relação às barreiras pessoais à expressão da criatividade. Quanto à percepção do clima para criatividade em sala de aula, os resultados indicaram diferenças significativas entre os grupos de alunos de professores com menos e mais experiência docente. Os alunos dos professores com mais tempo de docência avaliaram o clima de sala de aula como mais estimulador do interesse pela aprendizagem do que os alunos dos professores com menos experiência.

Este estudo enfatiza a importância de dar mais atenção ao desenvolvimento da criatividade em sala de aula, tanto do Ensino Fundamental quanto nos cursos de formação docente. As instituições de ensino devem atentar para condições que favoreçam o clima de

sala de aula para criatividade de seus alunos, assim como o desenvolvimento da criatividade de seus professores, pois muitas vezes estes profissionais não encontram espaço, tempo e/ou oportunidades de exercitar sua criatividade, o que acaba interferindo no desenvolvimento da criatividade dos seus alunos.